

a chama



FELIZ
ANIVERSÁRIO,
COLÉGIO
SÃO VICENTE!

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO





FOTO: JOÃO LUIZ OLIVEIRA

a chama

Revista editada pela
**Associação de Pais e Mestres do
Colégio São Vicente de Paulo**

Ano XLV Nº 101
Junho/ 2019

Supervisão Editorial
Marlene Duarte e Carolina Ebel

Reportagem
Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos
Rosa Lima

Revisão
Pe. Maurício Paulinelli, Marlene Duarte
e Norma Hoffmann

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Capa
Pintura do muro - 2º ano EF

Fotos
Arquivo CSVP, Pe. Lauro Palú, Joana
Torres/ Avellar Media, João Luiz
Oliveira, Christina Barcellos, Maria
Clara Borges, Cacau Marçal, Gilberto
de Carvalho, arquivos ex-alunos
Carlos E. Pini Leitão, André Pereira
Neto, Roger Toshio, André de
Alvarenga, Luna Vale, Barbara Dantas
e Antônio Gois, alunos Manuela Fuss,
Andriele Peçanha, Iuri Britto, Raphael
Kuntze, Pedro Varjão e Isadora Gago

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem
1.800 exemplares

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretora Presidente
Simone Fuss Maia da Silva

Diretor Vice-Presidente
Carlos Machado de Freitas

Diretora Secretária
Cristine Clemente de Carvalho

Diretora Tesoureira
Renata Gorges Rocha Guimarães

Diretora Social
Marlene Martins Duarte

Representante dos Professores
Ivone Vieira

Assistente Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal
Claudia Regina Duarte, Vania Etinger
de Araújo, Simone Kropf, Neuza
Miklos Pereira, Zena Eisenberg e
Bernadete de Paulo Lou

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

A HISTÓRIA DO COLÉGIO EM REVISTA

Os 60 anos do Colégio São Vicente de Paulo, celebrados aqui com esta edição especial de aniversário, também passam (e muito!) pela revista *A Chama*. Criada em 1973, por iniciativa da vice-presidente da Associação de Pais e Mestres (APM) da época, a jornalista Maria Célia Bustamante, hoje já falecida, *A Chama* esteve desde então presente no dia a dia do São Vicente, cobrindo todos os acontecimentos que marcaram a vida da comunidade escolar. Hoje, quem quiser conhecer a história do Colégio não pode deixar de consultar as páginas da revista, criada e mantida pela APM. Nesses 46 anos de vida, *A Chama* se consolidou, ficou mais leve, bonita e arejada, sempre interessante e relevante. Graças ao empenho da equipe, formada por dois jornalistas e uma designer (que além de profissionais são também ex-aluno e mães de ex-alunos), à supervisão editorial e revisão da diretoria da Associação, da Coordenação e da Direção, à contribuição de professores, alunos e funcionários do Colégio, e a você leitor, claro, para quem esta chama se mantém acesa.

Na foto, à esquerda, os jornalistas Rodrigo Prestes e Rosa Lima; ao centro, Marlene Duarte, da APM, Norma Hoffmann, da Coordenação Acadêmica do CSVP, e Carolina Ebel, também da APM; e, na ponta direita, a designer Christina Barcellos, da equipe da revista.

- 2 CAPA
- 8 INFRAESTRUTURA
- 10 ORIGENS
- 14 DIREÇÃO
- 18 EX-ALUNOS
- 22 APM
- 24 GRÊMIOS
- 26 EJA
- 28 NOTAS
- 31 PERFIL
- 32 CIDADANIA
- 36 ESPORTE
- 38 CORAL
- 40 LEITURA
- 41 FEIRAS
- 42 ARTES
- 45 PERSONAGENS

CARO LEITOR

Essa edição de A Chama demorou um pouco mais para chegar às suas mãos por um bom motivo. Estávamos preparando uma homenagem especial em comemoração aos 60 anos do Colégio São Vicente de Paulo. Ela tem o dobro do tamanho de nossas edições normais para dar conta de mostrar momentos marcantes da história desta escola que há seis décadas vêm formando agentes de transformação social.

Estão nas próximas páginas o começo do Colégio, a chegada das meninas (sim, no início só havia meninos em sala e o CSVP, como sempre, esteve na vanguarda do ensino misto entre os colégios religiosos), o Ensino de Jovens e Adultos, as expressões artísticas e esportivas, a vivência da cidadania através dos grêmios e das representações estudantis, os projetos sociais, bem como um retrato dos diretores da escola ao longo de suas seis décadas. Também temos um pequeno perfil do funcionário mais antigo do Colégio e um painel de ex-alunos, professores e colaboradores que ajudaram a construir o que o Colégio é hoje.

E se olharmos para o passado para entendermos de onde viemos, estamos olhando também para o futuro, para onde queremos chegar. Em meio às mudanças que o mundo vem passando, Padre Agnaldo de Paula, diretor da escola, ressalta a importância da educação libertadora, que defenda a vida em todos os seus aspectos, bem como a liberdade e o espírito crítico e criativo. Em entrevista, ele aponta o que a comunidade vicentina pode esperar do CSVP para os próximos anos: um colégio cada dia mais coerente no seu ser e fazer.

Vida longa ao São Vicente, é tudo o que podemos desejar.

Boa leitura!

*Simone Fuss
Presidente da APM*



CSVP, UM JOVEM DE 60 ANOS

Fiel a seus valores e princípios, Colégio mira o futuro, implantando projetos que respondem às demandas sociais dos novos tempos

O Colégio São Vicente de Paulo completa seis décadas de vida esbanjando vigor e jovialidade. Fiel aos valores vicentinos que levaram à sua criação, em 1959, a escola chega à idade madura preservando aquilo que lhe é característico, mas trazendo elementos que a sociedade apresenta como fundamentais para a vida diante das demandas dos novos tempos.

Exemplos disso são alguns projetos em vigor desde o início deste ano, como o da Extensão do Ensino Médio, os novos cursos e oficinas extraclasse e a abertura das redes sociais do CSVP, todos visando responder às exigências de formação e comunicação do nosso momento histórico.

Os alunos que ingressaram no 1º ano do Ensino Médio este ano já encontraram uma grade curricular diferente da que vivenciaram os colegas que os antecederam. Uma grade mais ampla, com oficinas de temáticas variadas, nas tardes de segunda-feira, e formas diversas de aprendizagem.

É o caso das alunas Maria Miranda, Paloma Madruga e Sahija Rodrigues, da turma 1C, primeiras inscritas nas oficinas de Vulnerabilidade Juvenil e de Política e Poder, coordenadas pelos professores Théo Nery e Valéria Baptista, respectivamente. Apesar de estarem estranhando o aumento da carga horária, de forma geral a impressão é a de que as oficinas são de fato mais dinâmicas que as aulas convencionais.

“As oficinas vêm muito mais dos alunos, da nossa capacidade de pesquisa e reflexão. Eu sinto a turma toda mais interessada”, afirmou Maria.

Não é para menos. Afinal, de acordo com o coordenador acadêmico do Colégio, André Chaves Marques, um dos motes da Extensão do Ensino Médio é a aproximação entre professores e alunos, que permite esse maior dinamismo.

“O objetivo é que se tenha o aluno como protagonista, e um orientador para apontar caminhos. Em linhas gerais, nas oficinas da Extensão a gente quer mais é mobilizar perguntas”, explicou André.

Menos amarras, mais tempo

A ideia da Extensão surgiu em 2017 e ganhou contornos mais nítidos em 2018, quando foi montado um grupo para desenvolver o projeto. Foram seis os professores convidados, além do coordenador José Cláudio Reis, um entusiasta do novo modelo, com ampla experiência em iniciativas semelhantes, bem como em formação de professores.

Segundo o coordenador, um fato interessante é que todos os alunos vão passar pelas seis oficinas ao longo dos dois primeiros



anos do Ensino Médio, uma por trimestre. As oficinas foram organizadas em três grupos, que pretendem desenvolver habilidades diferentes: Comunicação e Expressão, do qual fazem parte as oficinas de *Storytelling* e de Retórica e Oratória; Introdução à Ciência Política, que abrange as oficinas de Política e Poder e de Vulnerabilidade Juvenil; e Ciência, Tecnologia e Sociedade, que inclui as oficinas de Bioética e de Sustentabilidade.

“O grande diferencial da Extensão está exatamente nessa possibilidade de trabalhar com os alunos com um pouco menos de amarras em termos de programas a serem cumpridos, de exigências externas como o ENEM, por exemplo”, esclareceu José Cláudio.

Introdução à Ciência Política

Com tudo isso, na Extensão, o conhecimento não é construído apenas dentro das salas. Na oficina de Política e Poder, por exemplo, a professora Valéria Baptista levou a turma para visitar o plenário da Câmara dos Vereadores do Rio, onde eles puderam vivenciar *in loco* a importância da participação política, reconhecendo as possibilidades de mudança e a necessidade de um maior engajamento.

“A oficina trabalha principalmente a política como algo maior do que a representação e o voto. São conceitos importantes, tais como democracia, cidadania, papel do Estado etc. No atual momento, encontramos muitos jovens apáticos, insatisfeitos e até mesmo com medo de exposição. O grande desafio é esse: como falar sobre esses temas sem ser chato? Não é nada simples”, argumenta Valéria.

Simples sem dúvida não é, mas o desafio compensa. Pelo menos na opinião do professor Théo Nery, da oficina de Vulnerabilidade Juvenil. Ele lembra que os desafios com a Extensão começaram lá atrás, com a formação dos currículos das oficinas e com o desenvolvimento da metodologia de ensino. E permanecem atualmente com as reflexões geradas a cada encontro e debatidas ao término das aulas.

Em sua oficina, Théo busca trabalhar temas como a saúde mental, o empoderamento feminino, a discriminação e os comportamentos de risco, dando ênfase ao desenvolvimento de projetos que envolvam soluções práticas para problemas reais do cotidiano.

“O objetivo da oficina é que cada estudante seja capaz de reconhecer fatores de risco em seu próprio ambiente, que conheçam

Acima, grupo do professor Théo Nery discute um caso de discriminação; embaixo, o professor Antônio Fernando fala sobre sustentabilidade; e, à direita, alunos da oficina de Política e Poder visitam o plenário da Câmara dos Vereadores do Rio.

as suas forças e competências para alterar ou mitigar esses riscos e sintam-se capazes de fazer a diferença a partir da sua própria experiência como jovem”, afirma.

Ciência, Tecnologia e Sociedade

Coordenando a oficina de Bioética, o professor Hécio Alvim está de volta ao Colégio, e se diz feliz por poder respirar de novo os ideais vicentinos, ainda mais em um contexto inovador de ensino como a Extensão do Ensino Médio. Nos encontros que coordena, Hécio busca, junto aos alunos, uma reflexão a respeito de valores éticos fundamentais como o respeito à vida e as profundas implicações morais de práticas como a clonagem, a fertilização *in vitro* e a pesquisa com células-tronco.

“Procuro seguir um método que parte da geração de experiências, ou seja, de um saber que os e as envolva como um todo, não apenas intelectualmente. Assim, como forma de despertar os sentimentos que abrirão as portas da reflexão e da razão, temos partido frequentemente da discussão de casos reais de bioética, e os alunos e alunas envolvem-se muito. É, de fato, uma abordagem existencial”, explica.

E se a ideia de partir de experiências que se aproximem de questões vividas pelos alunos é boa, o professor Antônio Fernando, da oficina de Sustentabilidade, resolveu ir ainda mais fundo. É que a situação-problema da qual partem as discussões de sua oficina é exatamente a forma como a própria comunidade vicentina vem trabalhando a sustentabilidade, seja dentro do Colégio, seja fora dele. Dentre os projetos que estão sendo desenvolvidos pelos alunos sob sua coordenação, um deles envolve a conscientização desde a mais tenra infância da importância das questões ecológicas para a harmonia do nosso planeta; outro envolve a instalação de um sistema de compostagem.

“A ética e a intercultura devem caminhar juntas para que se possa aprender e reaprender de maneira permanente e verdadeira. Esta competência com certeza é muito importante para o desenvolvimento de uma comunidade humana totalmente voltada para uma consciência e prática sustentáveis”, advoga o professor.



O COLÉGIO EM 2019

1069 ALUNOS NO ENSINO REGULAR (DIURNO)

180 NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (NOTURNO)

112 COLABORADORES NA ÁREA PEDAGÓGICA

86 NO SETOR ADMINISTRATIVO

8 ESTAGIÁRIOS



Comunicação e Expressão

Coordenando a oficina de *Storytelling*, a mais nova professora da casa, Júlia Besserman, de 25 anos, conta que voltou de seu mestrado em São Francisco, na Califórnia, no final do ano passado e fala um pouco de sua primeira experiência como docente. Segundo ela, é com certa mistura de nervosismo e animação que têm transcorrido suas primeiras aulas. Formada em cinema pela PUC-Rio e mestre em roteiro, Júlia lembra que a temática da oficina já é algo que a acompanha há muitos anos.

“Em um roteiro, procuramos trabalhar uma forma mais indireta de se passar uma mensagem. Através de uma história, buscamos a aproximação com o público, que vai sentir e pensar se envolvendo com o que ele vê. É um tipo de discurso muito útil para o desenvolvimento de dissertações e monografias. E uma das propostas da oficina é desenvolver um curta com os alunos sobre educação, os diversos modos de se ensinar e aprender”, conta.

Também trabalhando na área do desenvolvimento do discurso está a oficina de Retórica e Oratória, do professor André Mucci, que há alguns anos vem se aprofundando nessas temáticas. Segundo ele, apesar de serem áreas distintas, a retórica, a oratória e a argumentação estão intimamente ligadas.

“Toda retórica é argumentativa, mas nem toda argumentação é retórica. Já a oratória pode estar a serviço não só da argumentação, mas também de diversas outras áreas de atuação, como as artes cênicas, ou até mesmo em apresentações de seminários e trabalhos em grupo da escola”, esclarece André.

Dentre as dinâmicas de oratória feitas em sua oficina, há exercícios de desinibição, de melhora da dicção e até de aumento da capacidade de escuta ativa. São exercícios geralmente divertidos que envolvem bastante os alunos. Mas há também uma parte intelectualmente mais densa, de identificação de estratégias argumentativas, em que se busca observar mais de perto tanto o conteúdo quanto a forma do discurso, exigindo uma grande capacidade de foco e esforço intelectual.

“De forma bastante sintética, pretendo desenvolver competências que possibilitem a boa fala, independentemente do contexto no qual o orador estiver inserido. Acredito que essas competências são imprescindíveis para a formação de um agente da transformação social nos dias de hoje, pois possibilitam a interação crítica com ideias e discursos”, conclui.



No alto, alunos do curso de *Storytelling* visitam a exposição *DreamWorks Animation* no CCBB; no meio, o professor Hécio Alvim em sala, no “tribunal” formado por dois grupos, contra e a favor dos transgênicos, no momento em que a “testemunha” estava sendo ouvida. Embaixo, a oficina de Retórica e Oratória em duas situações: à esquerda, o professor André Mucci propõe aos alunos leitura de textos em voz alta para melhor falar em público; à direita, aluna experimenta, de forma lúdica, estratégias para veiculação de uma ideia.



NOVOS CURSOS EXTRACLASSE

Há décadas as atividades extracurriculares vêm marcando a vida do Colégio. Desde o início do teatro nos anos 1970, passando pela Escola de Esportes, que começou suas atividades no final dos anos 1980, e pelos corais, que se estabeleceram nos anos 1990, gerações de alunos frequentaram essas classes.

O Curso de Empreendedorismo Social, oferecido pelo departamento de Assistência Social da PBCM, há mais de 20 anos vem buscando trabalhar as realidades sociais e suas possibilidades de mudança com os vicentinos da 1ª série do Ensino Médio.

Recentemente, segundo o coordenador acadêmico André Chaves, uma demanda crescente das famílias por uma formação complementar e pela extensão do tempo dos alunos na escola levou à ampliação da grade dos cursos extracurriculares.

Desde o ano passado, a professora Renata Azevedo oferece a Oficina de Brinquedo com Sucata, trabalhando com alunos do 1º ao 3º anos do EF a criatividade a partir de uma mentalidade sustentável. Na oficina, são produzidos brinquedos com diversos materiais, como embalagens, tampinhas e garrafas plásticas.

Mas foi a partir deste ano que a oferta de cursos extracurriculares deu um salto, com 11 novos cursos disponíveis. A mesma professora Renata abriu para turmas do 4º ao 7º anos seu Ateliê de Artes, no qual busca, através de uma viagem por culturas e mitologias dos povos antigos, estimular a imaginação e o uso da linguagem visual dos alunos.

Nas fotos, à esquerda, a professora Mônica Albertino, a Moniquete, na Oficina de Leitura e Escrita Criativa; e, à direita, alunos na aula de robótica.

Para as turmas de 1º ao 5º anos, a professora Mônica Albertino, a Moniquete, que por tantos anos comandou a Sala de Leitura, está oferecendo sua Oficina de Leitura e Escrita Criativa. Através das diferentes linguagens artísticas do cinema, da música,

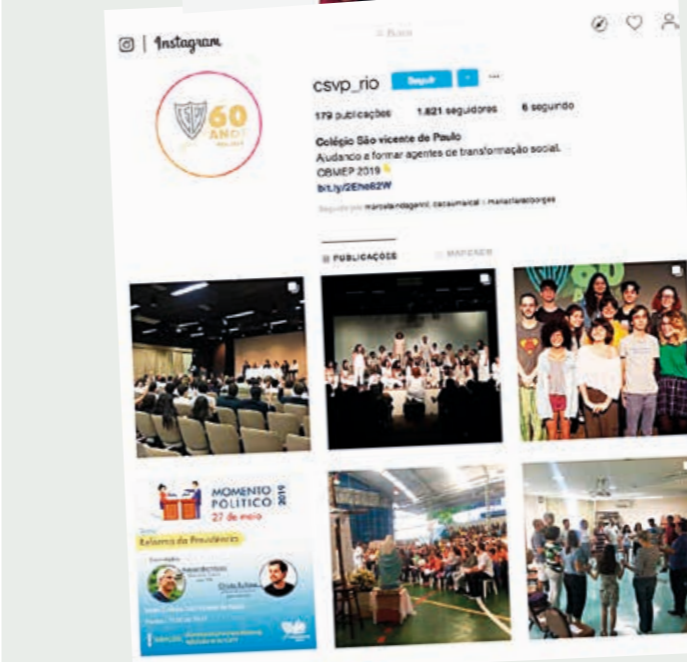
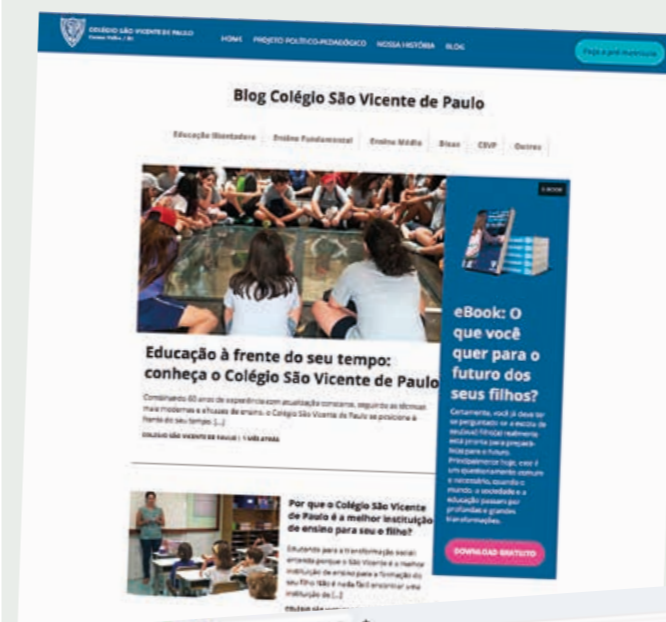
da literatura e do teatro, a *bruxa má*, como é carinhosamente chamada pelos alunos, trabalha as diversas formas de se contar uma história.

A empresa Zoom, especialista em soluções educacionais inovadoras, também oferece no Colégio seus cursos Genius e Roboter. Ambos visam ser uma iniciação à robótica e à programação, cada um adaptado à faixa etária correspondente.

Os estudantes de 6º ao 8º anos agora podem participar da Oficina de Pesquisador Júnior, oferecida pela equipe do projeto *Escola com(ciência)*, que tem por objetivo estimular a alfabetização científica e o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo acerca dos impactos das ciências no mundo contemporâneo.

Para alunos do 9º ano e do EM, as oficinas de Educação Financeira e Arte Sonora são oferecidas. Na primeira, a empresa Otimize Educação Financeira busca trabalhar a relação com o dinheiro de forma sustentável priorizando o bem-estar. Já na segunda, o professor e músico Cláudio Bezz desenvolve a percepção e a produção acústica com os diversos instrumentos da modernidade, como microfones e materiais eletroacústicos.

Com o objetivo de desenvolver a criatividade na geração de soluções para os mais diversos problemas, a Oficina de Design Thinking da empresa Criação também é oferecida a alunos do EM. E o curso preparatório para o THE - Teste de Habilidade Específica de Arquitetura e Design, comandado pela professora Cacau Marçal, segue na grade de opções para os alunos do 3º ano. Só que agora como disciplina optativa, mas gratuita.



E O SÃO VICENTE CAIU NAS REDES

Para quem vinha sentindo falta, a notícia foi boa: desde dezembro, o Colégio tem um perfil institucional no Facebook e no Instagram, com postagens diárias de segunda a sexta. A ideia, que vinha sendo debatida informalmente há alguns anos, se consolidou no ano passado, depois de diversos pedidos de pais, educadores e alunos. É que, com o crescimento do uso das redes sociais, praticamente toda a comunidade vicentina já está inserida em pelo menos uma dessas redes.

“Nós escolhemos inaugurar com o Facebook e o Instagram, que hoje são as redes mais acessadas, principalmente pelo nosso público. O São Vicente sempre teve uma cultura muito humana, olho no olho, e por isso havia alguma resistência a essa entrada. Mas a nossa proposta com as novas mídias é exatamente a de aproximar a comunidade do que acontece no Colégio, dando oportunidade, principalmente para os pais, de acompanhar algumas atividades dos seus filhos à distância”, explica Laura Regent, coordenadora Comunitária.

Para a execução do projeto foi feita uma parceria com a Avellar Media, que desenvolveu uma proposta de uso das redes sociais adaptada ao Projeto Político-Pedagógico do Colégio. Joana Torres, formada em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e com MBA em Marketing e Comunicação Estratégica, foi a pessoa designada pela empresa para cobertura e produção de todo o material. Segundo ela, diferentemente de outras propostas, em que se quer ganhar um mercado e vender uma imagem, a proposta de comunicação para o São Vicente visa simplesmente retratar o Colégio como ele é, o dia a dia das crianças, as apresentações, as saídas pedagógicas e diversos eventos.

“Nossa ideia é captar todos os espaços nos quais o São Vicente se manifesta, desde atividades nos corredores e no pátio até apresentações como a do coral São Vicente a Capella no Teatro Oi Casa Grande e a visita dos pequenos ao Planetário. E o *feedback* dos pais tem sido muito positivo, agradecendo e dando sugestões”, conta Joana.

E se no início houve algum estranhamento por parte de professores e funcionários com as fotos e filmagens quase diárias, agora são eles mesmos que vêm chamar para a cobertura. “Vai ter uma aula superlegal essa semana pra vocês fotografarem!”. São os novos tempos.



FOTOS: CRISTINA BIANCELLOS

MAIS CONFORTO E SEGURANÇA NAS INSTALAÇÕES

Novos sistemas de refrigeração e combate a incêndio, catracas na portaria e criação de um refeitório são algumas das novidades em andamento

Não é apenas na parte pedagógica que o São Vicente está sempre se atualizando. A *Chama* conversou com o gerente administrativo, Luiz Fernando Prado, para entender um pouco melhor todas as mudanças estruturais em andamento no Colégio.

Para dar maior conforto à Comunidade Educativa e, principalmente, para melhor atender aos alunos, todo o sistema de refrigeração foi substituído do ano passado para este. O novo sistema é mais eficiente em termos de refrigeração, mais racional em consumo de energia e mais estável em relação a manter uma temperatura padrão. “Não apenas isso. Ele é completamente automatizado, com horários pré-definidos para ligar e desligar, e conta com um gerenciamento externo que pode ser feito a partir de um aplicativo de celular”, explicou o gerente.

Em relação à segurança contra incêndio, o São Vicente iniciou 2019 muito mais seguro que no ano passado. O investimento foi grande, e agora a escola não tem uma área sequer que não esteja atendida pelo sistema de combate a incêndio. Além disso, a escola está com vários novos pontos de abastecimento de água e o projeto aprovado pelo Corpo de Bombeiros, que também vai capacitar funcionários do CSVP para formar uma Brigada de Incêndio própria.

Com relação à cantina, um novo fornecedor de alimentos foi contratado, e um dos objetivos é desenvolver cada vez mais projetos de educação alimentar junto aos alunos. As novas opções são mais saudáveis e seguem à risca a legislação em vigor para a Educação Básica, que restringe o oferecimento de uma série de alimentos e bebidas. A oferta de refeições mais coloridas e equilibradas já gerou um aumento de quase 200% do movimento em relação aos anos anteriores.



Acima, alunos almoçam no novo refeitório; à direita, a cantina reformada e com produtos mais saudáveis, como as frutas da vitrine. Na página ao lado, o atual bufê do almoço, na foto colorida, e, nas seguintes, o refeitório na época da inauguração do colégio, ocupando todo o subsolo, vazio e em dia de festa; e, por fim, a fachada das salas de aulas, com os primeiros aparelhos de ar-condicionado, em 1974.



Mas não para por aí: para o segundo semestre, está programada a abertura de um refeitório no subsolo do Colégio, que deverá atender toda a Comunidade Escolar: educadores, alunos e pais. Os valores das refeições serão previamente definidos por contrato, parametrizados a partir de outros bandejões. “Mas com uma qualidade muito maior”, promete Luiz Fernando Prado. Uma das propostas é incentivar os pais a almoçar mais vezes com os filhos no Colégio.

Controle de entrada e saída

Não menos importante também foi a mudança no controle efetivo de entrada e saída de alunos através das catracas, que estão funcionando desde o início do ano de modo experimental. A partir do segundo semestre, já será possível informar aos pais a hora em que seus filhos entram e saem do Colégio. O sistema vai funcionar pelo aplicativo do São Vicente, e os avisos por mensagens serão opcionais. A partir do Ensino Fundamental II, os alunos poderão, inclusive, validar sua entrada e saída com o sistema de biometria – o que só não funciona para os alunos mais novos, porque estes, muitas vezes, ainda não desenvolveram completamente suas digitais. Para esses últimos, as carteiras de estudante continuam sendo o documento de acesso ao Colégio.

Segundo o gerente administrativo, esse sistema tem ainda a função de coletar informações precisas quanto ao fluxo diário de pessoas e os horários de sua entrada e saída. Isso vai permitir ao São Vicente ter um maior volume de dados para executar o projeto que está sendo finalizado pela Diretoria junto à mantenedora do Colégio: o Plano Diretor de obras para os próximos 30 anos.

“Esse projeto mostra o desejo do Colégio São Vicente de se expandir para poder atender ainda mais alunos. O objetivo de tudo isso é sustentar um projeto pedagógico, que precisa vir acompanhado de modernizações estruturais para dar mais qualidade a todos os que fazem a vida da escola. O São Vicente tem uma característica: as pessoas vêm pra cá e vão ficando. É um ambiente acolhedor. Para manter essa característica de acolhimento, a gente também precisa investir em infraestrutura”, concluiu Luiz Fernando.



REFEITORIO



FOTOS: ARQUIVO CSVP

E ASSIM TUDO COMEÇOU

Há 60 anos, era inaugurado um Colégio que seria decisivo na vida de milhares de pessoas e ficaria conhecido por sua formação voltada ao pensamento crítico, político e social. Tendo São Vicente de Paulo como patrono e inspirado no Caraça – o primeiro Colégio dos Padres Lazaristas do Brasil, nascia no Rio uma instituição em que gerações de pais iriam confiar não apenas para educar seus filhos academicamente, mas também para formar cidadãos conscientes da importância de contribuírem para uma sociedade mais justa e fraterna.

De fato, a história do Colégio São Vicente de Paulo teve início em 1954, com a chegada do Padre Joaquim Horta ao Rio de Janeiro, vindo de São Paulo, a convite do Provincial. Padre Horta foi incumbido de vender a velha Casa Central dos Lazaristas, em Botafogo, e construir uma nova, junto com uma igreja.

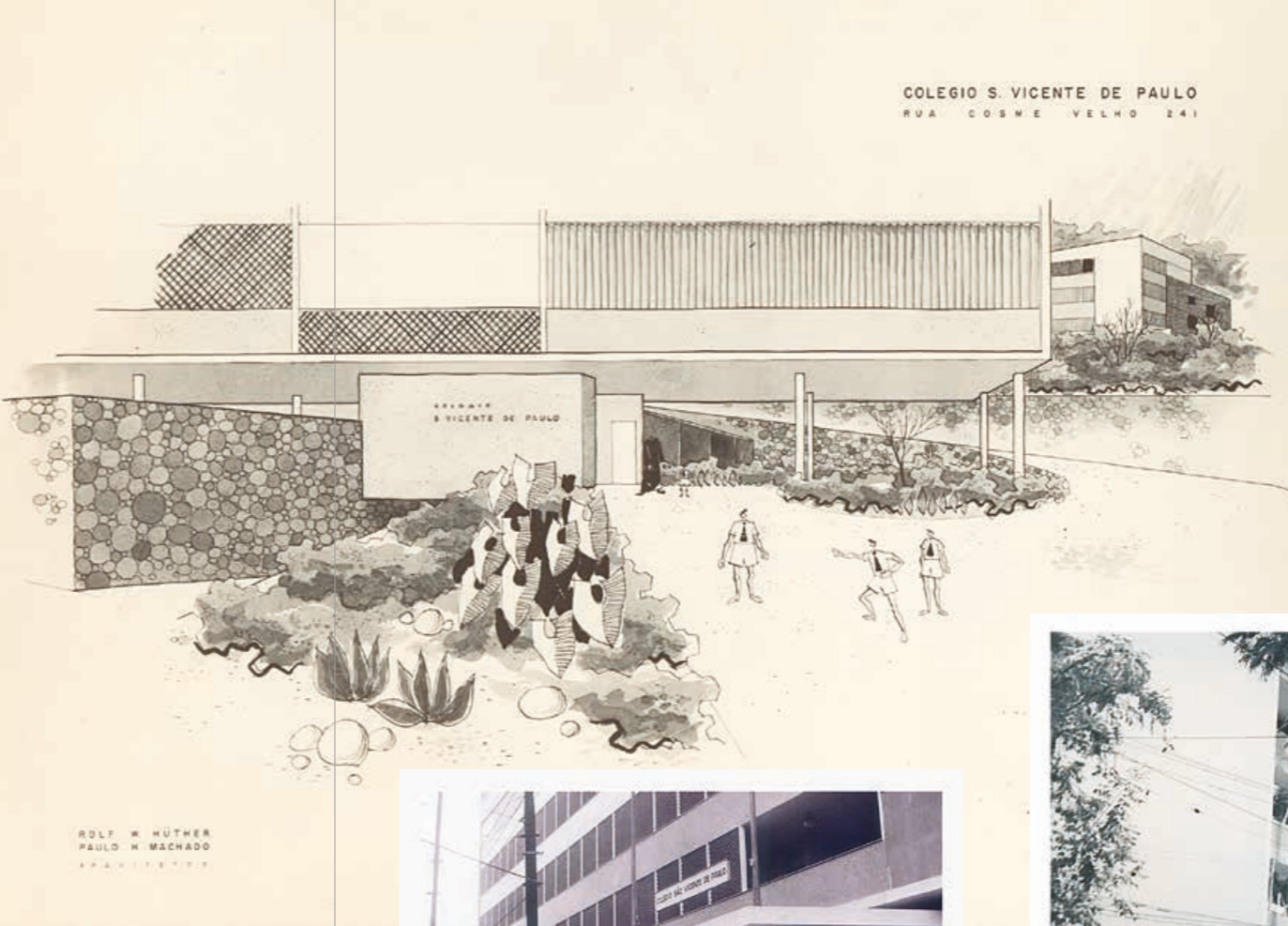
Depois de vendida a casa, foram cinco meses até que Pe. Horta encontrasse um terreno no Cosme Velho. Mas, a ideia da igreja ficou de lado, visto que já havia duas outras próximas, a do Cristo Redentor e a de São Judas Tadeu. Foi aí que teve lugar um plano bem mais ousado. Como o próprio Padre Horta explicou, em depoimento à revista *A Chama* de 1977, foi a partir da convicção de que os Lazaristas deveriam retornar às origens como educadores no Brasil, como foram no Caraça, em Petrópolis e em Curitiba, que surgiu a ideia de se construir um colégio no novo terreno, aprovada por unanimidade em assembleia realizada naquele ano.

Empréstimo e contribuições

Uma vez estabelecido que se deveria construir o Colégio, o problema era a verba. Sem os recursos necessários, mas cheio de entusiasmo, Pe. Horta soube canalizar para o projeto as atenções de todos os que poderiam ajudá-lo, fossem cidadãos anônimos ou pessoas de destaque na sociedade, como o então Presidente Juscelino Kubistchek, ex-aluno do Seminário de Diamantina, e seu conterrâneo, o jornalista Austregésilo de Athayde, membro da Academia Brasileira de Letras e antigo aluno do Seminário de Fortaleza. Foi em um encontro com Austregésilo que se decidiu pela fundação de uma Associação de Ex-alunos Lazaristas, com o objetivo de somar esforços para a construção do Colégio.

Logo na fundação da Associação, Padre Horta fez o pedido a Juscelino de um empréstimo de 20 milhões de cruzeiros para construir o prédio e colocar o Colégio em funcionamento. O Presidente concordou. “Mas a espera pelo dinheiro foi uma tragédia, porque o papel foi arquivado e desapareceu. Finalmente, conseguimos arrancar 7 milhões de cruzeiros”, narrou Padre Horta à revista. Com isso, deu-se início às obras.

O projeto do arquiteto Rolf Werner Hüther era arrojado: cinco pavimentos com 23 amplas salas de aula, porão, cozinha e um refeitório dotado de ar condicionado – um luxo para a época! A cargo dos engenheiros Milton Saramago e Manoel de Mello Machado, a obra foi concluída em dois anos, tendo custado 40 milhões de cruzeiros. Além do empréstimo federal e de verbas da Congregação,



A construção do Colégio em quatro ângulos e momentos diferentes e o desenho do projeto arquitetônico da entrada, sem muro, com uma rampa de acesso direto da rua.

O PATRONO

São Vicente de Paulo (1581-1660) é considerado um dos Pais da Igreja moderna. De origem pobre, preocupou-se muito com o dinheiro, até que se converteu aos poucos: passou a trabalhar com os Pobres, em Paris e depois na França e em verdadeira escala mundial, pois, ainda em vida, mandou Padres, Irmãos e Irmãs para a Polônia, a Itália, Madagascar, Holanda, Ilhas Hébridas, Inglaterra etc.

No seu trabalho com os Pobres, São Vicente foi várias vezes questionado pelos leigos e leigas e lhes devolveu suas inquietações, para buscarem juntos as soluções necessárias. Desde o começo de sua obra humanitária e caritativa, São Vicente explicitou duas linhas de ação: a) No mundo e na sociedade não falta a caridade, mas é preciso organizá-la; b) É preciso descobrir e formar “multiplicadores”.

Hoje, a Família Vicentina está em cerca de 190 países do mundo inteiro, em todos os continentes, nos lugares mais necessitados. Padres, Irmãos e Irmãs da Caridade, Voluntárias da Caridade, Confrades e Consócias da Sociedade de São Vicente de Paulo, Juventude Mariana Vicentina, Associação da Medalha Milagrosa e Missionários Leigos Vicentinos.



Pe. Lauro Palú, C.M.

aproximadamente metade desse valor foi obtido através de contribuições dos sócios fundadores, que, ao fazerem suas doações, já asseguravam as vagas para seus filhos.

A inauguração

Vencidos os obstáculos financeiros e burocráticos, em 30 de março de 1959 nascia o Educandário São Vicente de Paulo, nome que perdurou por dez anos. A inauguração oficial se deu no dia 19 de julho, depois de quase quatro meses em funcionamento, atendendo a 350 alunos (todos meninos) entre os cursos de Pré-Primário, Primário e Admissão, que equivaleria atualmente ao sexto ano do Ensino Fundamental. É que as aulas começaram, mas a obra ainda demorou alguns meses para ser finalizada. No dia 2 de junho, o Presidente Juscelino almoçou no Educandário São Vicente, junto a seus antigos mestres, o Padre Vicente Péroneille e o Padre Lidstrom. Esse mesmo almoço contou ainda com a presença de Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Recife e Olinda, também integrante da Associação de Ex-Alunos Lazaristas.

No dia da inauguração propriamente dita, a programação foi intensa, tendo início com uma missa de Ação de Graças, seguida da bênção solene dos edifícios, celebrada pelo Padre Francisco Godinho, que chegara de Paris representando o Superior Geral dos Lazaristas. A missa contou com a presença dos arcebispos do Rio e de São Paulo, bem como de outras autoridades eclesásticas. Depois da solenidade realizada no Salão Nobre do então Educandário, todos os convidados participaram de um almoço oferecido pela direção.

“Essa minha certeza em torno do Colégio é uma coisa que não se explica. Corremos grande risco. O Colégio podia ser fundado e afundado logo depois. Entretanto, Deus abençoou nosso trabalho, a nossa boa vontade. O Colégio cresceu, progrediu e está consolidado”, disse o hoje falecido Pe. Horta, no aniversário de 40 anos do Colégio São Vicente de Paulo.



ENTRADA PRINCIPAL

Nas fotos maiores, dois registros do colégio recém-inaugurado, mas ainda em obras: a chegada dos alunos no ônibus escolar, pisando em tábuas para entrar na escola; e Pe. Horta recebendo a visita de Juscelino Kubitschek, então presidente da República e Armando Falcão, seu ministro da Justiça. Nas fotos menores, cenas do colégio em 1959.



ASTEAMENTO DA BANDEIRA



AULA DO PRIMARIO

FOTOS ARQUIVO CSVP

A INSPIRAÇÃO DO CARAÇA

Iniciado em 1820 com quatro rapazes levados do Rio de Janeiro, o Colégio do Caraça chegou a ter 400 alunos. No total, mais de 10 mil alunos de todo o Brasil se formaram lá, dos quais aproximadamente 120 se tornaram políticos, sendo diversos governadores, senadores, deputados, prefeitos e até dois presidentes da República, Affonso Penna e Arthur Bernardes.

Quem organizou o Caraça foi o primeiro Coirmão, chegado ao Brasil ainda em dezembro de 1819, Padre Leandro Rebelo Peixoto e Castro, que foi chamado ao Rio em 1838 para organizar o Colégio Pedro II, do qual foi Vice-Diretor. Fundou ainda outros três colégios em Minas, um dos quais se transformou posteriormente na Universidade Federal de Ouro Preto. Foi o inspirador do Colégio São Vicente de Paulo, no Rio, criado pela Província Brasileira da Congregação da Missão para dar continuidade ao que fora o Colégio do Caraça, que como colégio civil encerrou suas atividades em 1912.

De 1885 a 1895 e depois, de 1905 a 1968, também funcionou no Caraça a Escola Apostólica, de formação de Padres Lazaristas. Ali, se estudavam 25 disciplinas, sendo cinco línguas: grego, latim, português, inglês e francês.

Hoje, o Caraça é centro de peregrinação, cultura e turismo, além de ser centro de preservação e educação ambiental. É uma ilha ecológica, que contribui fortemente para as pesquisas científicas brasileiras, principalmente nos campos da geologia, hidrologia, plantas medicinais e ornitologia.

Cercada de minerações por todos os lados, faz parte das Reservas da Biosfera da Mata Atlântica e do Espinhaço Sul. Integra a Área de Proteção Ambiental (APA Sul) de Belo Horizonte e é a segunda Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) em tamanho de Minas Gerais, seu segundo parque natural mais visitado e o mais bem cuidado, com uma média de 70 mil visitantes e 20 mil hóspedes por ano. Nos últimos anos recebeu visitas de 85 países diferentes.

Pe. Lauro Palú, C.M.



FOTO PE LAURO PALU



“O SÃO VICENTE É UM LUGAR DE PERMANENTE APRENDIZAGEM”

ENTREVISTA:
PADRE AGNALDO DE PAULA

Quinto Diretor Geral do Colégio São Vicente nesses 60 anos de sua história, Padre Agnaldo Aparecido de Paula está à sua frente desde 2013. Nesse período, vem focando suas atenções principalmente na implantação do Projeto Político-Pedagógico do Colégio e na concretização dos ideais de pessoa, educação, escola e sociedade nele explicitados. “É missão do São Vicente oferecer educação de qualidade, que para nós significa o desenvolvimento integral e pleno de todos os membros da Comunidade Educativa, a excelência acadêmica e a formação para o exercício da cidadania, como agentes de transformação social”, diz. Nesta entrevista, Pe. Agnaldo fala das mudanças ocorridas no Colégio desde sua chegada, o que aprendeu nestes anos como Diretor Geral e o que se deve esperar para o futuro próximo no Colégio São Vicente de Paulo.

O que o senhor busca priorizar em sua gestão como Diretor do CSVP?

A eterna prioridade e, ao mesmo tempo, o maior de todos os desafios é concretizar os ideais de pessoa, educação, escola e sociedade explicitados no Projeto Político-Pedagógico (PPP) do Colégio. Isto significa favorecer a gestão democrática e participativa, estimular relações de colaboração e solidariedade entre todas as pessoas, segmentos e setores, investir na formação permanente dos educadores, estimular o uso crítico dos recursos tecnológicos e de metodologias dinâmicas, valorizar as culturas e as artes, criar um ecossistema saudável para a vida e o trabalho. É missão do São Vicente oferecer educação de qualidade, que para nós significa o desenvolvimento integral e pleno de todos os membros da Comunidade Educativa, a excelência acadêmica e a formação para o exercício da cidadania, como agentes de transformação social. Construtores de uma sociedade mais justa e fraterna, inspirados nas virtudes vicentinas e comprometidos com as causas dos empobrecidos, dos discriminados, dos marginalizados, enfim, a partir dos que se encontram

“PARA RESPONDER À MUDANÇA DE ÉPOCA QUE ESTAMOS VIVENDO DEVEMOS INSISTIR EM UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA, QUE DEFENDA E ESTIMULE A VIDA EM TODOS OS SEUS ASPECTOS, A LIBERDADE, A INICIATIVA, O ESPÍRITO CRÍTICO E CRIATIVO”

na periferia. Para isso, dentre os muitos projetos, estratégias e atividades, temos investido no desenvolvimento dos programas de habilidades socioemocionais, inclusão, projetos sociais e produção acadêmica dos conteúdos, utilizando métodos e avaliações cada vez mais coerentes com o PPP.

Desde sua entrada, quais foram as principais mudanças no Colégio?

A atualização e o investimento na implantação do Projeto Político-Pedagógico em todos os níveis, segmentos, setores e atividades; a sistematização e o aperfeiçoamento dos programas de habilidades socioemocionais e de inclusão; a revisão e a atualização do currículo do Ensino Fundamental e a ampliação do Ensino Médio; e a formação permanente dos Educadores, destacando-se, nestes últimos anos, a revisão da matriz curricular, a adoção de novas e mais dinâmicas metodologias, a compreensão do Educador como mediador e facilitador das condições para a produção do conhecimento com e pelos estudantes, de forma interdisciplinar e por áreas, estimulando o espírito de equipe e colaboração.

Como Diretor do São Vicente, o que o senhor aprendeu nos últimos anos?

O São Vicente é um lugar de permanente aprendizagem. O que mais me encanta no Colégio é o compromisso da Comunidade Educativa com a defesa da vida em toda a sua extensão, riqueza e diversidade, a valorização da liberdade e do respeito pelas diferenças, o compromisso com o desenvolvimento do espírito crítico e a atuação como agentes de transformação social sobre as estruturas e conjunturas políticas, econômicas e sociais, tudo isso associado à postura de cuidado, afeto, solidariedade e entreatajuda. É preciso ser democrático nas discussões, firme nas decisões, mas perder a ternura, jamais!

Também aprendi, com a Política Institucional número três do Colégio, que precisamos nos colocar como ‘comunidade aprendiz’, em que os erros e os acertos tornam-se oportunidades impulsionadoras de aprendizagem. Não é fácil vivenciar, nem todos entendem e aceitam viver esta política numa sociedade que exige rapidez, eficácia e eficiência a todo custo, a todo momento, ao menor custo e dentro do menor espaço de tempo. Nem sempre conseguimos os resultados esperados no prazo previsto e da forma desejada. Por melhor e mais urgente que seja o projeto, é preciso buscar a participação, se não de todos, pelo menos

do maior número possível de pessoas, respeitar a história de cada um, suas convicções, suas ideias e o seu tempo, para isso, se servindo do diálogo como ferramenta indispensável.

Aprendi que o São Vicente não é só uma Escola, é um espaço pulsante de manifestação artística, cultural, política e social, lugar de muita vida. Os alunos daqui chegam às universidades levando na bagagem espírito crítico, responsabilidade, iniciativa e sensibilidade para com as causas sociais.

Que rumos a comunidade vicentina pode esperar para o Colégio nos próximos anos?

Estamos vivendo uma época histórica de mudanças de mentalidades, de atitudes sociais e das estruturas da convivência humana, motivadas pelo desenvolvimento tecnológico, pelas transformações no campo do conhecimento, na forma de relacionar-se consigo e com os outros, na facilidade e na rapidez de comunicação e de troca de informações. Verifica-se, também, em meio a tantas mudanças, imediatismos e superficialidade, muita frustração e vazio existencial.

Para responder à mudança de época que estamos vivendo, devemos insistir em uma educação libertadora, que defenda e estimule a vida em todos os seus aspectos, a liberdade, a iniciativa, o espírito crítico e criativo. Ter como importante aliada a tecnologia, sem se deixar escravizar por ela, na busca de respostas e caminhos sempre novos e atualizados para os desafios do presente e das novas realidades.

Devemos esperar do São Vicente nos próximos anos um Colégio sempre mais comprometido com a oferta de ferramentas de trabalho e aplicado ao desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos e educadores. Um Colégio coerente com a sua tradição de 60 anos. Tradição no sentido de um valor que se recebe vivo, se mantém vivo e é transmitido vivo, atualizado, com sentido e razão de ser e continuar existindo.

Devemos esperar um Colégio que estimule a busca da felicidade como conquista daquelas pessoas que desejam viver em constante processo de libertação, democráticas, solidárias e boas. Boas e felizes! Porque estabelecem relações de acolhimento, valorização e compromisso com os outros, especialmente os que foram incapacitados pelas estruturas econômicas, sociais, tecnológicas e pelas estruturas vigentes que dificultam a acessibilidade. Enfim, devemos esperar um Colégio cada dia mais coerente no seu ser e fazer, com o que se encontra estabelecido no Projeto Político Pedagógico.

OS ANTECESSORES



Antes do Padre Agnaldo de Paula, o Colégio São Vicente teve outros quatro Diretores Gerais à sua frente, todos designados pela Congregação da Missão, fundadora e mantenedora do Colégio.

O primeiro deles foi o Padre Joaquim Horta, que dirigiu o São Vicente de 1959 a 1965. Com sua direção firme e cheia de energia, comandando um grupo de 21 professores, incluindo os Padres que também lecionavam, o Colégio cresceu rapidamente. Já em 1960 foi aberto o curso ginásial (equivalente ao atual segundo ciclo do Ensino Fundamental) e, em 1964, o científico (atual Ensino Médio). Ainda em 1960, também foram criadas a Associação de Pais e Mestres (APM) do Colégio e a Associação de Caridade de São Vicente de Paulo, que mais tarde ficou conhecida como Voluntárias da Caridade.

Naquele tempo, às 8h da manhã de cada segunda-feira, os alunos estavam rigorosamente enfileirados para o hasteamento da bandeira nacional e cantavam de cabeça o Hino à Bandeira. Nas refeições, o silêncio era quase absoluto e os bons modos à mesa eram levados a sério. A saída do Colégio era às 17h, num sistema de semi-internato.

Foi ainda nos primeiros anos do CSVP que tiveram também início os grêmios, as atividades esportivas extraclasse, as excursões e as

programações culturais, além da inauguração da Biblioteca Juvenil.

“O Padre Horta foi um idealista de excelente visão empresarial, que soube vender a ideia do Colégio, conseguindo financiá-lo parcialmente com a venda antecipada de anuidades, com vantagens e privilégios para os fundadores”, disse Padre Lauro Palú, que mais tarde ficaria à frente da Direção do São Vicente por dois períodos.

A 1ª turma de vestibular

Em 1965, o Padre Marçal Versiani dos Anjos assumiu a Direção do CSVP em um momento extremamente delicado do país, quando a suspensão dos direitos civis por conta do golpe militar vinha transformar a realidade dos brasileiros. Dando uma aula de democracia, o CSVP realizava suas eleições para o Grêmio Estudantil com voto livre, secreto e direto, feito através de títulos eleitorais praticamente idênticos aos utilizados à época pelo Tribunal Eleitoral.

Em 1966, sob sua Direção, o São Vicente teve sua primeira turma do 3º ano do Científico se preparando para o vestibular. Com o impulso dado por Padre Marçal, o Colégio alcançou resultado de 80% de aprovação.

“Teólogo de formação e brilhante poliglota, Padre Marçal foi muito importante pelo peso que deu à figura do Diretor, pela solidez com que foi fazendo explicitar as linhas pedagógicas que nos caracterizam, aproximando-nos progressivamente da pedagogia libertadora de Paulo Freire”, afirmou Padre Lauro.

No ano seguinte, chamado para a Assembleia Geral de Roma como delegado da Província, o Padre deixou a Direção do Colégio, retornando à escola, anos depois, como professor casado, tendo pedido a dispensa do exercício do sacerdócio.

Compromisso com a transformação social

O terceiro Diretor do São Vicente foi o Padre José Pires de Almeida. Antes mesmo da inauguração do Colégio, Pe. Almeida vinha ao Rio três vezes



por semana para ajudar Pe. Horta na construção do prédio. Nos primeiros anos do CSVP, atuou como responsável pela Coordenação de Disciplina e como Vice-Diretor. Também fez parte do corpo docente do Colégio como Professor de História, Religião e Francês. Mas foi em 1967, com a saída do Pe. Marçal, que ele assumiu a Direção do São Vicente.

Um homem profundamente preocupado com as questões sociais, principalmente com a pobreza e a miséria, Pe. Almeida deixou gravado no Colégio o compromisso de formar agentes de transformação social. Já no ano de sua entrada, o São Vicente adotou a Educação Libertadora, como postulada por Paulo Freire. No ano seguinte, o Colégio se tornou o primeiro dentre os colégios católicos do país a admitir a entrada de meninas, adotando o sistema coeducacional, de turmas mistas.

“O Padre Almeida possuía uma oratória afirmativa que despertava o entusiasmo e a adesão de pais e professores e sabia animar positivamente, sem moralismos, a juventude estudantil. Também se dedicou incansavelmente ao trabalho de liderança das casas de educação de todo o Brasil, com presença destacada na Associação de Educação Católica, que presidiu no Rio. E animou muito a atividade dos Corais no São Vicente, do qual participou inclusive como cantor”, lembrou Padre Lauro.

Foi ainda sob sua Direção que foram criados os cursos Profissionalizante e Supletivo do Colégio, bem como floresceram as atividades artísticas e culturais, como os famosos Saraus da década de 1970, e a pintura do muro a partir do final dos anos 1980. No total, foram quase 35 anos de dedicação ao CSVP, dos quais 26 como seu Diretor, em dois períodos distintos.

Incentivo aos esportes e debates

Assim como Pe. Almeida, Pe. Lauro, o quarto Diretor do CSVP, também dirigiu o Colégio em dois diferentes períodos. O primeiro, de 1980 a 1986. Depois, com a morte do Pe. Almeida, de 1999 até 2013, quando Pe. Agnaldo de Paula assumiu seu lugar.

“Vim para o Colégio sem nenhuma experiência deste tipo de Escola e de educação. Mas – com 15 anos de experiência na formação dos nossos próprios seminaristas e de alunos diocesanos, bem como com a experiência no ensino universitário, inclusive a coordenação do departamento de Filosofia da PUC de Belo Horizonte ao longo de três anos – eu trouxe para o São Vicente a prática desses ambientes formativos”, disse Padre Lauro.

Sob sua Direção, foram inaugurados as quadras poliesportivas e o ginásio do Colégio. Até então, a única área para a prática esportiva dentro do São Vicente era o pequeno pátio interno. Com o progressivo aumento no número de alunos, fez-se necessária a compra do terreno onde hoje se encontram as quadras. No início, o grande

campo de areia ali feito foi palco de muitas peladas. Mas o constante rastro de areia e lama deixado pelos alunos fez com que o campo fosse cimentado, dando origem às atuais quadras polivalentes.

Foi também sob Direção de Pe. Lauro que o Colégio, com a abertura política do início dos anos 1980, começou a promover uma série de debates com candidatos a vereador, deputado estadual e federal, senador e até governador, tradição que se mantém até os dias de hoje. Estiveram presentes em debates políticos no CSVP nomes como Leonel Brizola, Ciro Gomes, Jandira Feghali, Jorge Bittar, Fernando Gabeira, Chico Alencar, Alessandro Molon, além do teólogo Frei Betto e do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

“Trabalhei com alegria, paz de coração e gana, apesar das dificuldades. O apoio da Associação de Pais e Mestres foi fundamental. Alguns dos aspectos em que tentei realizar meus sonhos e ideais de educador foram: o Conselho Pedagógico e os Conselhos de Classe; o trabalho pastoral missionário, incluindo mais de 400 batizados; o estímulo à produção artística, especialmente os jornais dos Grêmios e as apresentações dos Corais e do Teatro; o trabalho sistemático de preparação da revista *A Chama*; a revisão do Projeto Pedagógico; as exposições semestrais de fotos do Colégio e do Caraça; e o esforço na presença pessoal e amiga junto aos alunos e alunas nas entradas e saídas e em campeonatos esportivos”, complementou Padre Lauro, hoje à frente do Santuário do Caraça.



No alto, a primeira diretoria do SV. Da esquerda para a direita, Pe. Guerra, Pe. Nogueira, Pe. Horta, Pe. Almeida e Pe. Migdon. Embaixo, o 2º diretor, Pe. Marçal. Na página ao lado, em cima, Pe. Almeida, o 3º diretor, dá aula de geografia. Embaixo, Pe. Lauro no Caraça, sua atual morada, que tanto fotografou e que hoje preside.

ANOS 1960

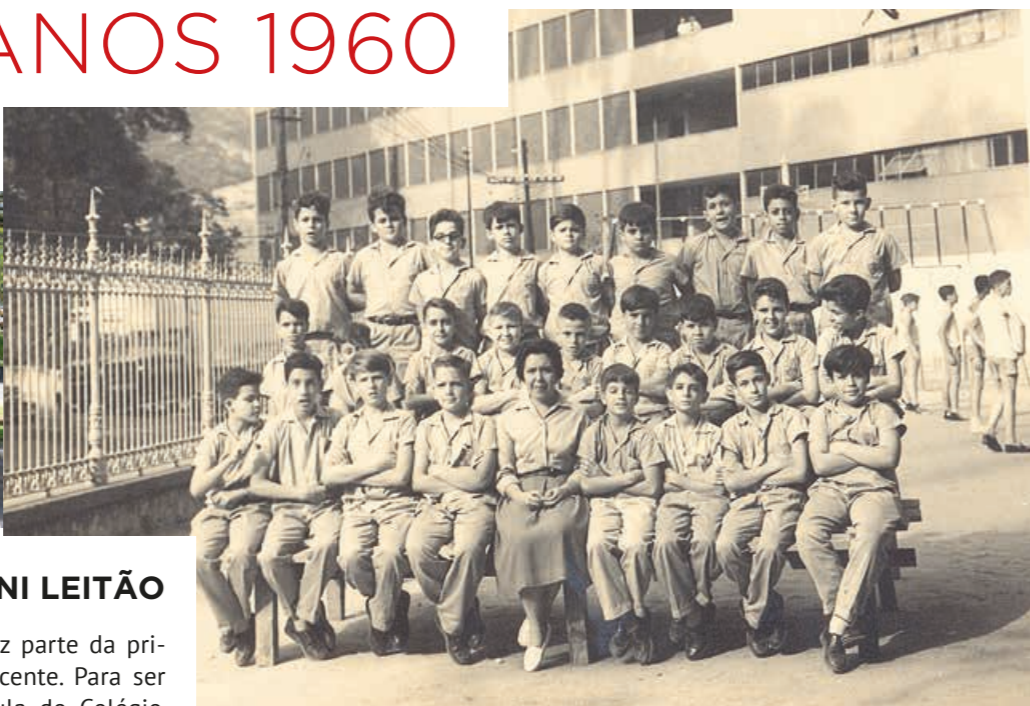


CARLOS EDUARDO PINI LEITÃO

Nascido em 1949, Carlos Pini fez parte da primeira leva de alunos do São Vicente. Para ser preciso, a sua foi a 15ª matrícula do Colégio. “Entrei na quarta série, e as turmas que fizeram a quinta série em 1959 iam à frente da minha ‘abrindo’ as séries subsequentes: elas inauguraram o curso ginásial e o curso científico. O regime de semi-internato favorecia o convívio, a camaradagem – que, em muitos casos, evoluiu para sólidas amizades. As aulas ocorriam das 8h às 12h30, e o período da tarde, até às 16h30, era exclusivo para o estudo dirigido, supervisionado por um mestre de classe. Alguns de nós chegávamos às 7h e saíamos às 18h30. Jogava-se bola no recreio e antes e depois da aula. A maioria almoçava no refeitório localizado no subsolo”, conta Carlos.

No tricentenário da morte de São Vicente de Paulo, em 1960, Pini foi vencedor de um concurso interno sobre a vida e obra do patrono da instituição, ganhando uma viagem ao Caraça, junto com quatro colegas. Estudante em uma década de grandes transformações, ele recorda as mudanças que presenciou, tanto na cultura e nos costumes da sociedade, quanto na Igreja Católica. “É estruturante da maneira de me ver e agir no mundo a práxis pedagógica do Colégio, sob a égide da evangélica opção preferencial pelos pobres, acolhida pela Igreja, especialmente na América Latina, a partir do Concílio Vaticano 2º e personificada nos extraordinários padres professores Hugo Paiva e Dario Nunes”, lembra Pini.

Engenheiro Civil formado pela PUC-Rio e há muitos anos servidor efetivo da Agência Reguladora dos Transportes Aquaviários de Brasília, Carlos teve quatro filhos e uma filha. Dois deles estudaram no São Vicente por um curto período de sua estada na cidade, depois de formado.



FOTOS ARQUIVO CARLOS E. P. LEITÃO

ANOS 1970



FOTOS ARQUIVO ANDRÉ PEREIRA NETO

No alto, Carlos Eduardo hoje e em 1960, na sua turma de Admissão (5º ano). Ele está na primeira fila, sentado ao lado direito da professora (4º da esq. para direita). Acima, André Pereira se apresenta no sarau. Na página ao lado, seu reencontro com o professor Motta, no churrasco de 50 anos do SV, em 2009. À direita, no alto, Roger e sua turma em 1975 (sentado, de jaqueta escura) e embaixo, com sua família hoje



ANDRÉ PEREIRA NETO

Hoje com 60 anos de idade, o historiador André Pereira considera que nenhum outro acontecimento foi tão edificante em sua formação como ser social, consciente de si e de seu lugar no mundo, quanto a sua passagem pelo São Vicente. “Frequentei o Colégio em uma conjuntura particular: a primeira metade dos anos 1970. Naquele momento, a ditadura prendia e arrebatava. Apesar desse contexto, vivíamos no São Vicente um ambiente de liberdade”, disse André, atualmente pós-doutor e pesquisador na área de Saúde.

Em 1974, então com 15 anos, André foi eleito presidente do Grêmio. Ele recorda que foi naquele ano que um dos músicos mais perseguidos da ditadura, Gonzaguinha, foi cantar no auditório do Colégio. Também nesse ano, foi encenada no mesmo auditório a peça *Calabar*, de Chico Buarque e Ruy Guerra, proibida no ano anterior pelo regime. Na estreia, Padre Almeida, na primeira fila, assistia atento. Ele também se lembra com carinho dos saraus, que, sem o formato competitivo dos festivais, incentivavam a participação artística de todos os alunos.

Além da parte cultural, André também se apaixonou no colégio pela Teologia da Libertação, praticando seus princípios, primeiro sob a orientação do Padre Ítalo, então coordenador da Pastoral de Favelas, e depois em seus projetos vida afora. “Agradeço a Deus por ter aberto meu espírito para que esta maneira de ver o mundo florescesse dentro de mim”, disse.

ANOS 1980



ROGER TOSHIO

Foi nos seus anos de estudante do São Vicente, entre 1973 e 1982, que o hoje médico e professor Roger Toshio conheceu sua esposa, Marta Pinheiro, então aluna do Colégio como ele. Casados há 28 anos, seus dois filhos, Toshio e Mayumi, também estudaram por algum tempo no São Vicente. Roger relembra com carinho a importância do que viveu no CSVP:

“Atualmente a maioria das pessoas tem um pensamento egoísta. A formação que recebi no Colégio São Vicente me levou a aprender a ter uma visão geral de um todo e não aceitar qualquer posição sem um questionamento, nem acatar de imediato qualquer informação como verdadeira. Isso faz de nós seres mais conscientes e melhores. Vários professores da minha época foram responsáveis por me transformar em uma pessoa mais questionadora e disposta a sempre ajudar o próximo”, disse.

Hoje especialista em traumatologia e ortopedia, o médico considera que os exemplos filantrópicos que recebeu no Colégio o ajudaram a solidificar em si o conceito da cidadania.



FOTOS ARQUIVO ROGER TOSHIO

ANOS 1990



ANDRÉ DE ALVARENGA

Doutor em Geografia pela UFRJ e pesquisador da PUC-Rio, André Lima de Alvarenga, hoje com 39 anos, estudou entre 1987 e 1997 no São Vicente. Participou ativamente do teatro do Colégio, tendo feito nove peças, uma das quais foi premiada no Festival de Teatro Estudantil. Também foi presidente do Grêmio e participou do Comitê Graúna, que coletava e distribuía alimentos para organizações que cuidavam de crianças em situação de pobreza.

“O São Vicente me marcou bastante pelo aprendizado da ética. Uma ética que implica conhecer, querer saber, interessar-se pelas questões que se apresentam a nós no nosso tempo e, dentro de nossos próprios limites, buscar as vias de superação. Uma ética que pede o engajamento responsável, informado, embasado, sempre atentos aos clichês que automatizam nosso pensamento. Uma ética que valoriza os intercâmbios e as trocas de conhecimento. Principalmente, uma ética que garante um olhar cuidadoso para os mais pobres”, disse.

André também participou dos jornais de alunos, como o *Expressão Livre*, que contava com a orientação do jornalista Haroldo Zaggar, e *O Vírus*. E esteve ainda entre os “caras-pintadas” que foram às ruas pelo impeachment do então presidente Fernando Collor. Atualmente sua filha de 9 anos, Laura Jaeger de Alvarenga, estuda na turma 403, já entrou para o Coro Infantil e está adorando o Colégio.



FOTOS ARQUIVO ANDRÉ DE ALVARENGA

ANOS 2000



André Alvarenga hoje, com sua filha Laura, aluna do 4º. Ano; e ao lado (de colete, com o braço erguido), na apresentação da peça O diário de Anne Frank, em 1995. Acima, Luna com colegas na excursão ao Caraça, e este ano, na Assembleia Legislativa do Rio, onde trabalha. No alto, à direita, Bárbara hoje e com a camiseta do Colégio, na época do Ensino Fundamental.

ANOS 2010



FOTOS ARQUIVO LUNA VALE

LUNA VALE

O que mais marcou a jornalista Luna Vale em sua passagem pelo São Vicente, entre os anos de 1995 e 2005, foi o quanto o Colégio era aberto a ouvir as demandas dos alunos. “Sempre tivemos espaço de diálogo com a Direção e com os professores. Não era uma relação impositiva, baseada no medo, mas, sim, em conversas. A gente tinha espaço para debater todo tipo de assunto dentro do Colégio”, lembra ela.

Atualmente com 31 anos, assessora de plenário e de imprensa do deputado estadual Chirão Bulhões, Luna participou do Grêmio em seu último ano do Ensino Médio, ajudando a organizar eventos culturais e participando de Conselhos de Classe. Segundo ela, a experiência foi importante para aprender sobre organização estudantil e a ter liberdade com responsabilidade.

Além disso, também aprendeu sobre compromisso, disciplina, companheirismo e respeito em sua passagem pelo Coral do Ensino Médio, no qual conheceu seus melhores amigos, formando uma rede que a ajudou a atravessar um dos momentos mais difíceis de sua vida, a perda de seu pai, ainda na 1ª Série do Ensino Médio. “Cantar no Coral foi certamente a atividade mais importante para mim”, completou.



FOTOS ARQUIVO BÁRBARA DANTAS

BÁRBARA DANTAS

A ex-aluna Bárbara Dantas foi daquelas que cursaram todo o Ensino Fundamental e Médio no Colégio São Vicente de Paulo. Entrou em 2004, na 1ª Série, e concluiu o 3º ano do Ensino Médio em 2014. Formada em Desenho Industrial pela UERJ, Bárbara trabalha atualmente com design gráfico na Fábula, empresa de moda infantil do grupo Soma, um dos maiores e mais bem-sucedidos do país.

“Particpei do coral, do jornal da escola, teatro, ginástica rítmica e fiz um curso de empreendedorismo social. Todos eles me influenciaram de alguma maneira, mas, no geral, participar de atividades coletivas desde pequena me ensinou a trabalhar bem em grupo”, conta.

De acordo com ela, a educação recebida no São Vicente a influenciou sobretudo a ser uma pessoa proativa e a ter autonomia para tomar as próprias decisões. O segredo? “Com certeza a equipe maravilhosa de professores e funcionários!”, afirma Bárbara, hoje com 22 anos de idade.



“O CSVP NÃO É UMA BOLHA ISOLADA DA SOCIEDADE, E APOIAR O PROJETO DE FORMAR AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NESSE CONTEXTO É UM DESAFIO PARA TODOS”

CARLOS MACHADO DE FREITAS,
VICE-PRESIDENTE DA APM

REFORÇANDO OS ELOS ENTRE A ESCOLA E AS FAMÍLIAS

Fundada um ano depois da abertura do São Vicente, Associação de Pais e Mestres é parceira importante na história do Colégio

Construir um anfiteatro na mata atrás da escola, sem derrubar um arbusto sequer, é o mais novo projeto da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo, já nos trâmites finais junto à Prefeitura do Rio para sua implantação. Trata-se de mais uma realização da Chapa São Viça, reeleita no início deste ano para o biênio fevereiro 2019 até o começo de 2021.

A pleno vapor, a atual administração reúne membros da antiga diretoria com novos pais no lugar daqueles cujos filhos se formaram no fim do ano passado.

“Gostaria de dar as boas-vindas aos novos membros e dizer a eles que um dos nossos grandes desafios será dar continuidade ao trabalho que vem sendo realizado nas segundas gestões, desde a fundação da Associação, um trabalho voluntário

muito importante”, diz Simone Fuss, Diretora Presidente da APM desde 2017.

“Participar da Associação de Pais e Mestres é um privilégio, um trabalho maravilhoso. Essa participação permite, ao mesmo tempo e junto com o Colégio, propor e participar de suas atividades, testemunhando o cuidado e zelo de todos, direção, professores e funcionários, para com os alunos. Estar presente também na vida da escola, ser sempre ouvida e bem-vinda, participando de conselhos pedagógicos e decisões importantes é algo bom e raro”, complementa Simone.

Com ela, permanecem da gestão anterior Carlos Machado de Freitas, o Caco, como Vice-Presidente; Renata Guimarães, Tesoureira; Marlene Duarte, Diretora Social; Claudia Regina Duarte e Vânia de Araújo, do Conselho Fiscal, e Neuza Miklos, Suplente do Conselho. Os novos integrantes são Cristine de Carvalho, Diretora Secretária; Simone Kropf, membro do Conselho Fiscal, e as suplentes Bernadete de Paulo Lou e Zena Eisenberg.

Juntos, eles têm a missão de servir como elo entre o Colégio e as famílias dos alunos, apoiando e financiando projetos sociais, culturais e pedagógicos do São Vicente, sempre em consonância com o Projeto Político-Pedagógico da escola. Trabalhando em parceria há mais de meio século, a APM se encontra presente em todos os eventos e momentos do CSVP, nas comemorações, nos diálogos necessários e nos momentos difíceis.

Apoio aos Professores

Foi assim, por exemplo, no final do ano passado, quando – em meio a iniciativas orientadas para a intimidação de professores e patrulhamento ideológico – a Associação publicou uma carta, colocando-se abertamente em defesa da liberdade de cátedra, assegurada pela Constituição Federal, e do pensamento crítico, como elementos essenciais à formação de cidadãos comprometidos socialmente.

A mesma postura ocorreu em situações de perda, como no falecimento de Padre Almeida, diretor muito querido por todos, em 1999; ou em períodos tensos, como os vividos por conta de problemas financeiros, no início da história do CSVP, e os que se seguiram à crise de 1983, que culminou com a vigília e a saída de quase 300 alunos do Colégio. Em todos eles, a Associação de Pais e Mestres desempenhou papel importante no que tange

ao apoio necessário para que essas dificuldades fossem contornadas, e o São Vicente seguisse firme na sua missão.

“O CSVP não é uma bolha isolada da sociedade, e apoiar o projeto de formar agentes de transformação social nesse contexto é um desafio para todos”, diz Caco, o Vice-Presidente da APM. Outro grande desafio, segundo ele, é aumentar a mobilização e a participação dos pais, não só nos momentos de “comemorações” ou “difíceis”, mas no dia a dia da escola.

Para isso, a gestão da Chapa São Viça promoveu, pela primeira vez, duas assembleias, em que os pais foram convidados a falar e sugerir projetos que gostariam que a APM apoiasse. Entre outras ideias que surgiram nessas reuniões, estão a fabricação de brinquedos com as crianças, tanto para uso próprio quanto para doação, e um maior apoio da Associação a projetos esportivos no Colégio.

Rodas de conversa

As conquistas também são muitas. No último biênio, foram realizadas rodas de conversa oferecendo a oportunidade de os pais e a comunidade escolar discutirem temas importantes e atuais, como a extensão do Ensino Médio, o projeto de inclusão e de desenvolvimento de habilidades socioemocionais, as graves questões geradas pelas *fake news*, sempre com a presença de especialistas convidados. Isso

sem falar no projeto da alimentação saudável, a parceria com a ONG Teto para a construção de casas em comunidades precárias e de vulnerabilidade social, as Camisas do Bem, o Concurso de Fotos e tantas outras ações apoiadas pela APM (veja quadro).

Nascida em 3 de maio de 1960, data da primeira reunião de pais de alunos com a presença de todo o corpo docente do então Curso Ginásial, a Associação de Pais e Mestres foi oficializada no ano seguinte, com seu estatuto aprovado e a primeira Diretoria eleita. Mas a participação dos Pais nos assuntos do Colégio remonta ao período anterior à sua inauguração, quando o adiantamento do dinheiro da matrícula dos filhos, por parte de um grupo de pais, teve peso importante na construção do São Vicente.

Em todos esses anos, a atuação da APM contribuiu para importantes melhorias no Colégio. Dentre elas, a doação dos aparelhos de ar-condicionado, na década de 1970, e as reformas da biblioteca e da sala de leitura, em 97, e a própria revista *A Chama*, iniciativa da Associação que, desde 1973, registra os principais acontecimentos do São Vicente. Hoje, como ontem, suas portas continuam abertas a quem quiser ajudar a construir o futuro do Colégio. Afinal, como já cantou Raul Seixas, “sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”.

PROJETOS APOIADOS PELA APM EM 2018

PROJETOS SOCIAIS

Camisas do Bem
Voluntárias da Caridade
Projeto Caixa de Abelhas
TETO

PROJETOS EDUCACIONAIS

Rodas de Conversa
Sala de Leitura
Ciranda de Livros
Manhã Literária
Jogos Vicentinos: Torneios e Olimpíadas
Palestras
Apoio ao Grupo MAS
Alimentação Saudável na Cantina

PROJETOS CULTURAIS

Corais
Teatro Ensino Médio
Concurso Fotográfico Pe. Lauro Palú
Revista *A Chama*
Curso de Fotografia
Baú de Jogos

EVENTOS

Excursão ao Caraça
Festa Junina
Encontro dos Formandos
Futebol Amigos do CSVP
Festa de Natal dos Professores e Funcionários

A diretoria da APM que assumiu em 2019: da esquerda para direita, Vânia Etinger, Renata Guimarães, Neuza Miklos, Claudia Duarte, Carlos de Freitas, Simone Fuss, Bernadete Lou, Simone Kropf, Marlene Duarte, Ivone Vieira e Edevino Panizzi.

DEMOCRACIA TAMBÉM SE APRENDE NA ESCOLA

Da escolha do nome da turma à participação nos Grêmios, representação estudantil é parte integrante da formação para a cidadania no Colégio



Pouco tempo depois de iniciado o ano letivo, ainda no mês de março, os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental do São Vicente participaram de sua primeira eleição na escola: a da escolha de um nome especial para cada uma das turmas, por meio do voto livre e direto. Concluído o processo de votação e apuração, os nomes vencedores de 2019 foram *Turma da Aventura*, para a 101; *Turma da Brinquedolândia*, para a 102, e *Turma da Alegria*, para a 103.

Assim, de forma lúdica e despreziosa, eles começaram a experimentar a participação política, que na vida do Colégio São Vicente é parte integrante da formação para o exercício da cidadania. “Aqui, o estímulo a se pensar no coletivo vem desde o início da vida escolar do aluno. O primeiro e segundo anos do Fundamental escolhem os nomes das turmas. A partir do terceiro ano, eles elegem seus representantes de turma, e, do quarto ano em diante, já podem participar do grêmio e do tribunal eleitoral”, explica Laura Regent, coordenadora Comunitária do Colégio.

“Os grêmios estudantis são o órgão máximo de representação dos estudantes em uma escola. Mas, o que significa participar de um grêmio do Colégio São Vicente de Paulo? Primeiramente, fazer parte de uma longa tradição, iniciada em um momento político em que se antecipava o clima de autoritarismo e de livre expressão cerceada. Ao garantir um espaço de liberdade, os grêmios viriam a assumir uma posição de vanguarda, de resistência, marca que ainda nos identifica. Os grêmios do CSVP constituem uma voz que ecoa os anseios dos alunos, nos quais depositamos a utopia de contribuirmos para a formação de jovens capazes de ver, julgar e agir, aprofundando o significado de nossa missão: ajudar a formar agentes de transformação social”, diz a coordenadora Acadêmica, Norma Hoffmann.

Atualmente a mobilização política dos alunos na vida do Colégio, que sempre foi uma marca registrada no São Vicente, está mais ativa do que nunca. Muito disso se deve ao trabalho desenvolvido nos últimos anos pela coordenação Comunitária de unificar todos os processos de representação estudantil do São Vicente. Eles agora são acompanhados, pelas coordenações Pedagógicas, pelo Serviço de Orientação Educacional do CSVP, além da Comunitária. “Isso deu aos estudantes uma visão mais ampla e clara do sistema de representação na escola e os estimulou a participar”, disse Laura Regent.

O processo começa logo no início das aulas com as eleições para os representantes de turma, que participam dos Conselhos de Classe, fazendo a ponte entre os colegas e a instituição. Em seguida, vem a escolha dos representantes do Tribunal Eleitoral, cuja função é fiscalizar o cumprimento das regras de todo o processo de eleição dos grêmios. Por fim, em maio são eleitas as chapas candidatas aos grêmios estudantis, com as plataformas de projetos e ações que cada grupo se propõe a implantar no

Colégio até o ano seguinte, com o percentual da mensalidade escolar a eles destinado.

Cada segmento tem seu próprio grêmio: os alunos do Fundamental I são representados pelo Minigrêmio, do qual participam as turmas do 4º e 5º anos; o Gref representa os alunos do Fundamental II (6º ao 8º anos); e o Grem, os do 9º ano e do Ensino Médio. Desde 2014, os alunos da Educação de Jovens e Adultos também têm grêmio próprio, o Greja. Juntos, eles compõem o Grêmio Graúna, nome oficial do grêmio do São Vicente.

Projetos bem-sucedidos

Tantas instâncias de representação resultam, claro, em muitos projetos bem-sucedidos, alguns dos quais fizeram história nestes 60 anos, como os saraus, os festivais de música, o cineclube.

A Semana Cultural, hoje um projeto fixo do Ensino Médio, nasceu de uma iniciativa do Grem. Assim como a Semana Política, muitas peças de teatro, excursões, projetos sociais, ambientais e esportivos foram concretizados a partir dos grêmios. A atual diretoria do Greja, vale lembrar, conseguiu abrir a cantina para os alunos do noturno e organiza festas que são elogiadas até pelos colegas da manhã.

Os pequenos também contabilizam muitas conquistas. A manhã culinária, por exemplo, em que os alunos dos 4º e 5º anos experimentaram a delícia de provar da própria comida que fizeram, foi projeto do Minigrêmio, posto em prática em agosto do ano passado. Também foi proposta deles a adoção de oficinas de robótica, que este ano ingressaram na grade extracurricular.

“Para a comunidade do CSVP, é interessante essa vivência de escuta das crianças, de valorizar a contribuição deles para o cotidiano do Colégio. O fato dessa formação sobre representatividade se iniciar bem cedo permite que o tema possa ser realmente aprofundado a cada ano, podendo chegar ao final da escolaridade com muita consistência”, avalia a orientadora educacional, Nira Kaufman, que acompanha o trabalho do Minigrêmio.

Para quem participa das instâncias de representação estudantil, os ganhos também são significativos. Ex-aluna do Colégio e hoje estudando Comunicação na UFRJ, Giovana Kebian foi representante de turma no 5º e 9º anos e integrou a chapa que movimentou muito o Grem em 2015 e 2016, a Sambacaru. “Nosso grande diferencial foi ter feito uma gestão muito democrática, que extrapolou os muros do Colégio, trazendo os grandes temas do país para o debate”, conta Giovana.

Para ela, participar dos grêmios é ter vivência prática da política no dia a dia. “O Grêmio toca na realidade de cada aluno, que passa a entender que cada conquista é fruto de trabalho e de discussão. A gente aprende a ouvir, a se colocar, a argumentar. E isso a gente leva pra vida”, diz.

Rebeca Lopes, aluna do 4º módulo da EJA e integrante da atual diretoria do Greja, concorda com Giovana: “O Grêmio é uma grande escola, a gente fica menos egoísta, aprende a pensar no coletivo, a ter liderança e a dar voz a todos”.



Aluna do Fundamental II vota para a diretoria do Gref na urna digital inaugurada este ano; ao lado, o cartaz da campanha da chapa vencedora do Gref - Tudo Junto.

De cima para baixo, os diretores do CSVP Pe. Horta (1964), Pe. Lauro (1983) e Pe. Agnaldo (2019) dão posse aos grêmios.

ASSIM DE NOITE COMO DE DIA

Desde o antigo Supletivo até a Educação de Jovens e Adultos de hoje, o mesmo foco em qualidade do ensino e formação cidadã

Elas hoje são 186 estudantes cursando gratuitamente da Alfabetização ao Ensino Médio, com uma equipe de 20 professores qualificados, coordenação Pedagógica própria e um grêmio estudantil só seu. É o pessoal da EJA, a Educação de Jovens e Adultos, que ocupa as salas do Colégio São Vicente à noite e oferece nova chance de estudo àqueles que não puderam frequentar a escola na idade regular.

A iniciativa vem de longe. Há 46 anos em atividade, o curso noturno veio reforçar o compromisso com a questão social, expresso desde a inauguração do Colégio. Ele teve origem ainda no início dos anos 1970, no Morro da Mineira, no Catumbi, onde alguns professores desenvolviam um trabalho social, entre eles o então Padre Dario Nunes, já falecido.

A partir de 1973, apenas dois anos depois de implantado oficialmente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Curso Supletivo de Primeiro Grau (hoje Ensino Fundamental) foi oficializado no São Vicente, com o apoio e a experiência do diretor da época, Padre Almeida. “As condições eram favoráveis: alunos não faltavam, visto que o Colégio, localizado no bairro do Cosme Velho, podia abrir suas portas, à noite, para candidatas à alfabetização e ao supletivo”, lembrou Dario Nunes em entrevista *À Chama* comemorativa dos 50 anos do CSVP.

De lá pra cá, o curso noturno cresceu e se firmou. Em meados dos anos 1990, passou a se chamar Educação de Jovens e Adultos e, em 2011, registrou seu feito mais marcante: a expansão para o Ensino Médio.

Analfabetismo funcional

A mais antiga professora da EJA, Cláutenes Ferreira Lopes, que ingressou em 1978, como substituta da docente que ministrava aulas de Português do 6º e 7º anos do então Supletivo, lembra que naquela época as turmas ficavam lotadas, e chegava a faltar cadeiras para os alunos. Pouco tempo depois, Cláutenes foi remanejada para a Alfabetização, onde está há 40 anos. “Hoje, o número de analfabetos é bem menor, mas o analfabetismo funcional ainda é grande e justifica a manutenção do curso”, diz ela.



Atualmente, o Colégio São Vicente de Paulo é dos poucos que ainda mantém a EJA para os três segmentos de ensino. “O Santo Agostinho fechou o curso noturno, o Sagrado Coração de Maria está só com o Ensino Médio, e no setor público muitos colégios estão fechando a EJA por falta de incentivo. É custoso fazer esse investimento. Hoje temos menos alunos nas séries iniciais do que nas mais avançadas. Mas, aqui no São Vicente, enquanto houver procura, vamos manter o curso completo”, revela o coordenador pedagógico da EJA, Luís Gauí, ex-aluno, que ingressou no Colégio como professor de História do noturno, há dez anos, e hoje atua nos três turnos.

Gauí diz que muita coisa mudou na EJA desde que ele entrou. O horário das aulas do Fundamental II e do Ensino Médio foi estendido até 22h35. E o perfil dos estudantes hoje é bem mais jovem, grande parte formado por rapazes e moças de menos de 20 anos. “Como todo jovem, eles são mais inquietos, barulhentos e questionadores. E, claro, nenhum traz bolinho pra gente. A convivência deles com os mais velhos nem sempre é tranquila, e é comum termos problemas de disciplina nas aulas”, disse Gauí.

Repertório cultural

A estrutura também cresceu: hoje a EJA conta com coordenador e auxiliar de coordenação, orientadora educacional,

A aluna Rebeca Lopes, formanda do Ensino Médio da EJA, em 2019, e o professor Gauí, coordenador do noturno. Na página ao lado, a professora Cláutenes, em sala, na aula de alfabetização. Embaixo, as alunas no 1º aniversário da EJA, em 1974.



dois inspetores, uma bibliotecária, uma assistente social, monitores do Ensino Médio da manhã, estagiários de universidades e ainda participações pontuais de voluntários.

Além das disciplinas regulares, os alunos da EJA têm acesso a grande parte do repertório cultural que é oferecido aos colegas do diurno, como biblioteca, projeção de filmes, cursos de teatro e de fotografia, debates, visitas a museus e excursões. Fruto do trabalho do Greja – o grêmio do segmento, a cantina do Colégio agora também atende o noturno.

“Hoje, o que ainda falta implementar é a enfermagem funcionando à noite. Não temos tempo para curso de coral, e a educação física é oferecida aos sábados. E é um desejo que Artes (que existe no Ensino Médio) também vá para o Fundamental I e II”, afirmou o coordenador. A evasão é de aproximadamente 10%, considerada baixa para o segmento. E a cada semestre, cerca de 20 alunos concluem a 9ª fase (o 9º ano do Fundamental) e 15 terminam o Ensino Médio.

“Nosso diferencial é oferecer na EJA um ensino que não está aquém do diurno. É oferecer uma educação voltada para a formação cidadã e que os possibilite ingressar em faculdades. Não é uma educação meramente conteudista e que os prepara apenas para o mundo do trabalho, como muitos creem que deva ser a educação voltada para as camadas mais pobres”, diz Gauí.

Atualmente prestes a concluir o Ensino Médio, Rebeca Lopes, de 19 anos, entrou na EJA do São Vicente no segundo

semestre de 2016. E conta o que isso significou para ela: “Foi uma mudança grande na minha vida. Vim do Estadual, onde mal tinha aula. Vim pra cá porque queria um futuro. Me senti muito acolhida aqui, como numa família mesmo. Acho que o Colégio me agregou valores. Hoje sou outra Rebeca. Aprendi muito, não só do conteúdo das aulas, mas em termos de cidadania e de vida mesmo”. No fim do ano, Rebeca quer tentar o Enem para Direito, curso que pretende conciliar com um trabalho na área de tecnologia que lhe permita criar o bebê nascido em fevereiro.



MOMENTOS MARCANTES

A ENTRADA DAS MENINAS

Inicialmente uma escola só de meninos, o São Vicente foi pioneiro, entre os colégios católicos, na adoção do sistema coeducacional. A admissão oficial das meninas ocorreu em 1968, no início da gestão de Padre Almeida, quando se formaram as primeiras turmas mistas no Colégio. Elas ainda eram minoria absoluta na época, com apenas uma ou duas representantes por turma. Mas o fato foi registrado pelo jornal *Tribuna da Imprensa*, que elogiou a iniciativa do CSVP, como um exemplo a ser seguido por outros colégios católicos. E assim foi. À exceção do São Bento, todas as escolas católicas do Rio passaram também a adotar turmas com meninos e meninas, logo em seguida. Hoje elas são a regra. E quem poderia imaginá-las de forma diferente?



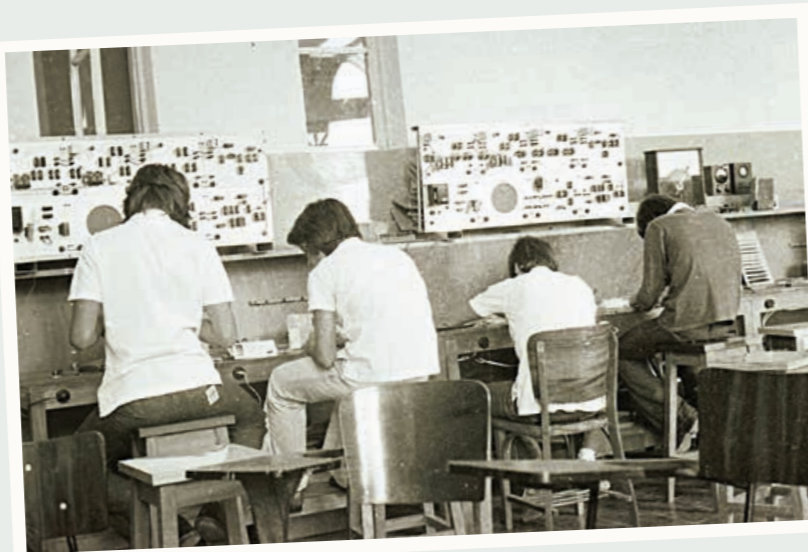
A CONSTRUÇÃO DO MURO

Quando de sua fundação, em 1959, o Colégio São Vicente não possuía portão ou muro que o separasse da rua. Fazia parte do projeto arquitetônico de então essa liberdade de ir e vir. A cidade era muito menos violenta, e o Cosme Velho um bairro calmo, com crianças correndo e jogando amarelinha nas ruas. O Túnel Rebouças ainda não existia, e os bondes, que tinham seu ponto final um pouco depois do Colégio, davam aquele ar bucólico à região. Quinze anos depois, em 1974, a situação já era bem diferente, e foram os próprios pais de alunos que pediram a construção do muro, realizada naquele ano. Sinal dos tempos. A necessidade do muro acabou sendo comprovada, mas o cerceamento da liberdade não deixou de ser questionado pelos alunos.



O CURSO PROFISSIONALIZANTE

Na década de 1970, a mudança da Lei de Diretrizes e Bases da Educação obrigou todas as escolas a oferecerem algum tipo de curso profissionalizante. Como a maior parte dos colégios particulares tinha como perfil (como ainda é hoje) alunos que buscavam o então 2º Grau apenas para chegar até o ensino superior, grande parte da rede privada de ensino adotou esses cursos apenas formalmente. Não foi o caso do São Vicente, que, em parceria com o Colégio Sion, buscou a excelência nos cursos que abriu: Administração, Processamento de Dados, Comunicação e Publicidade, Análises Clínicas, Desenho de Arquitetura e Eletrônica. O Colégio chegou a contar, por vários anos, com um laboratório de eletrônica, montado pelo então Padre Migdon, e o, à época, aluno João Carlos Gomes, posteriormente, o muito querido de todos professor Joka.



O REFLORESTAMENTO

Em 1974, o morro atrás do Colégio estava praticamente todo desmatado, depredado por queimadas anônimas e tomado, em boa parte de sua extensão, por capim colônio. Recém-chegado ao São Vicente, o professor de geografia, Clovis Dottori, alertou logo sobre o problema, em uma época em que ainda não se falava em ecologia. No dia 19 de novembro, após consultas a técnicos e tomadas de sugestões, foi feito um mutirão com alunos de todas as séries, munidos de ferramentas de jardinagem e um grande número de mudas, adquiridas no Horto Florestal e na Feira da Árvore, utilizando-se a garagem do Colégio. Sob o comando de Jorge Luiz, então coordenador do Segundo Grau (hoje, Ensino Médio), o grupo conseguiu replantar toda a área. O movimento, praticamente inédito na época, foi notícia no *Jornal Nacional* e no *Jornal do Brasil*, principais veículos de comunicação naquele momento.



OS SARAUS

A década de 1970 ficou marcada no São Vicente pelos primeiros saraus do Colégio, que reuniam diversas manifestações artísticas dos alunos, como apresentações musicais, de dança, performances e declamações. Realizados a princípio no auditório, os saraus fizeram fama na cidade, e muitas pessoas de fora do Colégio vinham assistir e participar daquela efervescência cultural. O clima de descontração e liberdade marcava os eventos, contrastando com o momento pelo qual passava o país, em plena ditadura militar. Daqueles primeiros saraus, despontaram nomes como a cantora Clara Sandroni, Maria Clara Barbosa (a Clarinha do Cavaquinho), o maestro Julio Moretzsohn (na flauta, foto ao lado), e os roqueiros André Sheik (ex-Biquini Cavado) e Lobão. Nos anos 80, os saraus se transferiram para o ginásio; nos 90, chegaram a extrapolar os muros do São Vicente e se instalar no Circo Voador; e nos anos 2000, eles ocuparam por vezes o pátio, além de uma edição no Teatro Odisseia, na Lapa. Independentemente do local, o mais importante é que os saraus sempre foram iniciativa dos alunos, realizada pelo Grêmio, com apoio do Colégio.



A VIGÍLIA

No final do ano de 1983, a Direção do CSVP, apoiada pela Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), tomou a difícil decisão de demitir dez professores, além do coordenador Aluísio de Oliveira. Em nota, a Congregação explicou que havia um trabalho paralelo sendo feito por aqueles que foram demitidos, visando angariar simpatias político-partidárias. A decisão não foi aceita por grande parte da comunidade escolar. Em protesto, de 22 de dezembro até 12 de janeiro do ano seguinte, foi feita uma vigília por mais de 400 pessoas – entre alunos, pais e professores –, que chegou a ganhar destaque na imprensa carioca. O Superior Provincial da PBCM, Padre Alpheu Ferreira, participou, com mais de 1500 pessoas, de assembleia no ginásio do Colégio, na busca de uma solução para a crise. Ao fim, com a manutenção da decisão, um grupo de 293 alunos resolveu cancelar suas matrículas para o ano de 1984. Com a entrada dos novos professores, foi promovida uma intensa Jornada Pedagógica no Colégio, que buscou reiterar a filosofia do São Vicente, com base na Educação Libertadora de Paulo Freire.



OS CARAS-PINTADAS

Em agosto de 1992, com as acusações de corrupção contra o então presidente Fernando Collor, os alunos do São Vicente aderiram ao movimento pelo pedido de seu impeachment. Cerca de mil estudantes do CSVP se uniram a outros 500 do CEAT e desceram a Rua das Laranjeiras, chegando ao Largo do Machado, onde se juntaram a aproximadamente mais mil alunos dos Colégios Zaccaria, Eliezer, Bennett, Franco-brasileiro, Santa Úrsula, entre outros. Dali eles pegaram o metrô até a Uruguaiana, já então tomada por estudantes da Zona Norte, e marcharam todos pela Avenida Rio Branco, chegando, finalmente, à Cinelândia. Com tiras pretas nos braços, feitas de sacos de lixo, os vicentinos gritavam contra um ex-colega de Colégio, do qual não se orgulhavam. O movimento dos jovens com os rostos pintados de verde e amarelo, que se alastrou por outras capitais brasileiras, foi capa da revista *Veja*, além de ser amplamente noticiado na mídia internacional.



ARQUIVO ANTÔNIO GOIS

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS

Resgatando uma antiga tradição do São Vicente, em 2014 a diretoria da Associação de Pais e Mestres decidiu reeditar os concursos de fotografia que faziam muito sucesso nas primeiras décadas do Colégio. Lançaram, então, o Concurso Fotográfico Padre Lauro Palú, nome dado em homenagem ao fotógrafo sensível e ex-diretor do São Vicente, que por muitos anos brindou a comunidade escolar com belíssimas exposições de fotos do Caraça, onde hoje vive. O concurso, que premia as melhores fotos com vales-presentes, e uma câmera digital ao primeiro colocado, caiu no gosto dos alunos e segue se repetindo todo ano desde então. "Ao olhar o Colégio com outros olhos, o aluno reforça o pertencimento ao espaço, que é seu, espaço de convívio, de amizade, de responsabilidade", disse Carlos Diniz, presidente da APM na época.

FOTO LARISA RIBEDEL



O MURO DA GENTILEZA

A Feira de Cultura e Compromisso Social de 2016 teve um evento particularmente marcante: o lançamento do Muro da Gentileza. Instalado ao lado do portão de entrada de alunos, com nichos e ganchos, é um espaço onde a comunidade do bairro deixa objetos que não usa mais, sejam roupas, sapatos ou livros, para serem pegos por quem deles necessita. A ideia foi da professora de Sociologia, Renata Salomone, que se inspirou numa tradição consagrada no Irã. A comunidade escolar abraçou de coração o projeto. Da ideia original à realização do Muro da Gentileza, várias equipes interdisciplinares trabalharam na sua criação, que envolveu mais de 150 alunos, várias coordenações e a própria direção do Colégio São Vicente. A iniciativa também virou notícia na imprensa e foi adotada com carinho pelos moradores do Cosme Velho, que hoje seguem abastecendo o muro de objetos ou deles se abastecendo.



FOTO CRISTINA BARRELOS

O FUNCIONÁRIO MAIS ANTIGO DA CASA



ARQUIVO CARLOS E. P. LETIÃO



Simples, discreto e prestativo, o motorista Antônio Soares da Silva vem trabalhar com a mesma pontualidade há 60 anos

A chave na ignição; no rosto, um sorriso. É mais um dia de trabalho que começa para Antônio Soares da Silva, 79 anos, o mais antigo funcionário do São Vicente. Ele estava lá nos primeiros dias, mesmo antes da inauguração do Colégio, e até hoje, 60 anos depois, de segunda a sábado, ainda vai trabalhar com a mesma pontualidade, e com seu jeito simples e discreto.

Nascido em Virgíópolis (MG) em 1940, Antônio ingressou na Escola Apostólica do Caraça em 1955, dirigindo-se dois anos depois para o Seminário São Vicente de Paulo, em Petrópolis, onde permaneceu até 1958. Com 18 anos de idade deixou o Seminário, tirou carteira de habilitação e foi logo admitido na Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), para trabalhar como motorista no Colégio do Cosme Velho, no Rio.

Em dezembro de 1962, dirigindo uma Kombi, Antônio levou um grupo de cinco alunos do São Vicente a Brasília. Na foto, eles posam ao lado da escultura *Os Candangos*, na frente do Palácio do Planalto (Antônio é o segundo da direita para esquerda). Ao lado, o motorista em 2019, no trabalho.

Nos primeiros anos, chegou a levar estudantes em excursões, principalmente ao Caraça, e também à Brasília. Trabalhou no transporte escolar para

o São Vicente, mas quando esse serviço foi terceirizado, passou a se dedicar ao transporte dos funcionários da Província e a serviços gerais para o Colégio.

Família Vicentina

Casado e pai de dois filhos, seu Antônio foi ao longo dos anos consolidando sua profunda amizade com todos na Província. No ano passado, os Coirmãos da PBCM se reuniram para pedir ao Superior Geral a sua filiação à Família Vicentina. Padre Geraldo Mól, Presidente da Província no Brasil, que convive há mais de 20 anos com seu Antônio, foi quem assinou a carta pedindo a filiação, concedida em 20 de novembro.

Salientando sua nobreza de caráter, ele lembra as noites em claro que passaram juntos auxiliando os padres idosos que viviam então na Casa Principal do Colégio, em meados dos anos 2000. "É um homem que soube envelhecer, um velho jovem. Uma pessoa profundamente fiel e de muita prudência na fala. É extremamente generoso com todos e muito prestativo. Foi ele quem me ensinou todos os caminhos aqui no Rio de Janeiro", disse Pe. Mól.

Modesto e econômico nas palavras, seu Antônio ficou um pouco encabulado de dar entrevista à *Chama*, em cujas páginas nunca apareceu. Não viu mérito especial em ser o mais antigo colaborador da casa nem destacou nenhum evento de sua longa trajetória no Colégio que viu nascer. "Devo tudo à Província", disse apenas.

SEIS DÉCADAS DE VOCAÇÃO SOCIAL

Nas muitas ações visando a melhoria da qualidade de vida dos mais pobres, o CSVP mostra na prática sua filiação aos ideais de seu patrono

Desde a sua fundação, o Colégio São Vicente de Paulo sempre baseou sua educação em princípios como a solidariedade e a busca por uma sociedade mais justa. Prova disso são os inúmeros projetos sociais que se desenvolveram ao longo desses 60 anos. Desde a implantação no Morro do Catumbi de um curso supletivo para os moradores da localidade ainda em 1970, passando por projetos como o Construindo e Preparando o Futuro (CPF), que já levou dezenas de professores, alunos e pais para uma série de municípios do Brasil, até a monitoria da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o São Vicente prova nas ações sua filiação aos ideais de seu patrono.

“A Província Brasileira da Congregação da Missão, mantenedora do São Vicente, busca promover mudanças estruturais nas pessoas, não com assistencialismo, mas com uma caridade mais profunda, que gere uma real melhora na qualidade de vida daqueles dos quais nos aproximamos”, diz a assistente social da Província, Flávia Almeida. Desde 2008 na instituição, Flávia hoje coordena o curso de Empreendedorismo Social do São Vicente, onde dá aulas junto com a assistente social Cristina Cunha, também funcionária da PBCM.

“No curso de Empreendedorismo Social, buscamos aprofundar o debate das questões sociais a partir de exemplos concretos. Sempre recebemos a visita de uma assistente social da Prefeitura e de alguém ligado a uma ONG. A partir daí, os alunos desenvolvem um projeto para impactar positivamente a vida da comunidade”, explica Flávia.

O curso, voltado para alunos do Ensino Médio, acontece há mais de 10 anos no Colégio, e também propõe uma reflexão a partir da visão social de São Vicente - uma visão extremamente organizada e pragmática.

Construindo e Preparando o Futuro

Outro projeto do Colégio que há anos vem gerando bons frutos é o Construindo e Preparando o Futuro (CPF). Desde 2005, ele já passou pelo Sertão da Bahia, por Minas Gerais, Brasília e Rondônia. O foco principal do projeto é a capacitação de professores e gestores das redes municipal e estadual de ensino. Além disso, o CPF também busca desenvolver as lideranças locais, estimulando a conscientização dos direitos individuais e a proteção ao meio ambiente.

Este ano, a pedido da prefeitura local, o CPF voltou à Serra do Ramalho, onde esteve entre os anos de 2006 e 2010, realizando o trabalho de desenvolvimento de um Projeto Pedagógico para as escolas públicas. Em janeiro, um grupo de professores do CSVP esteve

na localidade fazendo um levantamento das necessidades pedagógicas e de gestão dos mais de 600 professores municipais. Em julho, o grupo retorna para uma semana de oficinas específicas para os docentes.

Uma novidade do projeto este ano são os módulos intermediários, que acontecem em maio e outubro e vão levar funcionários e inspetores do Colégio para trabalhar com o pessoal de apoio da rede municipal. A ideia surgiu a partir de uma demanda de se trabalhar mais profundamente as relações humanas no sistema de ensino local.

Monitoria da EJA

Coordenada pela psicóloga Maria Eleonora Caldeira, a Chuchu, há quase dez anos, a monitoria da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por parte dos alunos do turno da manhã já ajudou a formar algumas gerações. O projeto começou pequeno, com menos de 20 voluntários, lembra Chuchu, mas hoje são 89 alunos das 2ª e 3ª séries do EM - e até mesmo ex-alunos - que participam. A monitoria acontece de segunda a sexta das 19h às 20h20.

Eliane Mesquita, que entrou este ano na EJA, e João Batista, que estuda no Colégio desde agosto último, são dois dos beneficiados pelo programa. João conta que sentiu com a monitoria uma melhora principalmente em sua compreensão de leitura. Já Eliane considera que voltar a estudar depois de certa idade envolve uma série de dificuldades de aprendizado, e diz que os alunos da monitoria a ajudam muito a vencer esse desafio.

Os monitores Daniela Rodrigues, da turma 3B, e Artur Almeida, da 3C, há mais de um ano dedicam uma noite das suas semanas ao trabalho educativo. “Você chega aqui e vê pessoas que vêm do trabalho muito cansadas e estão com um sorriso no rosto, recebendo a gente com todo o carinho do mundo. Isso te faz dar mais valor para o que você tem no seu dia a dia”, conta Daniela.

Artur, que já sentia há algum tempo vontade de ensinar e de romper a “bolha social” e conhecer mais de perto outras realidades, encontrou no projeto a realização dessas duas vontades. “Eu aprendi que além do conhecimento escolar, as

Na foto maior, Eleonora com alguns monitores, entre eles, Daniela (de blusa branca) e Artur Almeida (de camiseta azul escuro). Seguindo no sentido horário, as assistentes sociais Flávia Almeida e Cristina Cunha, Maria Clara, do SOE, em ação no projeto TETO, e professores do CSVP na Serra do Ramalho, em janeiro, tecendo a mandala que representa o esforço coletivo em prol do bem comum.



pessoas têm vários outros tipos de conhecimento, de vida, de ter passado por situações que eu provavelmente nunca vou passar. Acaba que a gente aprende enquanto ensina”, avalia.

A experiência dos monitores é tão positiva que ambos pretendem levar de alguma forma adiante o movimento iniciado no Colégio, depois de formados. Ele, participando de outros projetos similares; ela, considerando inclusive uma faculdade de história para dar aulas na EJA.

Teto

Outro projeto que segue firme no Colégio é a parceria com a Teto, ONG presente em 19 países da América Latina, e que trabalha principalmente com assentamentos populares. No ano passado, foram duas casas construídas em Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, com a ajuda da turma do São Vicente. Este ano, foi para a comunidade da Portelinha, em Santa Cruz, que dez alunos do Ensino Médio se dirigiram no início de abril para construir mais uma residência para uma família local.

“Muitas pessoas pensam que a Teto só constrói casas, mas eles têm várias atividades para criar infraestrutura nas comunidades”, explica Maria Clara Borges, do SOE, responsável pelo projeto no

Colégio. “Na primeira fase, denominada Escutando a Comunidade, os alunos vão nas casas, conversam com os moradores e levantam as principais demandas locais. Depois eles têm que arrecadar o dinheiro para a construção.”

O esforço não é pequeno, mas a satisfação estampada nos rostos de quem participa é evidente. E a transformação que a experiência traz é pra vida toda.

Além desses projetos, o São Vicente também oferece há muitos anos um grande número de bolsas integrais de estudo para famílias com renda comprovada de até um salário mínimo e meio per capita. Hoje, são mais de 190 bolsas integrais entre os cursos diurno e noturno, a maioria para moradores das comunidades da Ladeira dos Guararapes e do Santa Marta. A assistência da Província aos bolsistas inclui o custeio de passeios e material escolar. A Associação de Pais e Mestres também ajuda com o projeto Camisas do Bem, que custeia os uniformes dos bolsistas.

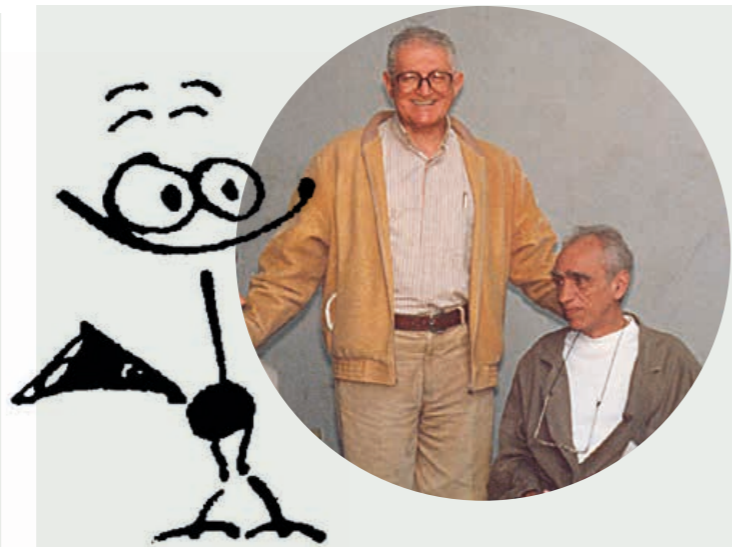
VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE

Mais antigo grupo vicentino em atividade, o grupo das Senhoras ou Damas da Caridade, hoje chamadas de Voluntárias da Caridade, foi fundado pelo próprio São Vicente, em 1617. Ele está presente em praticamente uma centena de países, e somente no Brasil conta com 15 regionais, 145 núcleos e mais de 2,3 mil Voluntárias. O Núcleo do Cosme Velho nasceu no Colégio São Vicente de Paulo em agosto de 1960, poucos meses depois de fundada a Associação de Pais e Mestres, por iniciativa das mães da entidade.

Atualmente, ele conta com cerca de 10 participantes, entre mães e avós de alunos e ex-alunos do Colégio, ex-funcionárias ou moradoras do bairro que se juntaram ao time animadas pela missão de assistir os pobres.

“Somos um grupo pequeno, mas muito unido. A gente ri, a gente brinca, se apoia. Não tem confusão e nem fofoca, é muito gostoso o nosso convívio. Quem chega é acolhido com carinho e amizade”, diz Tanya Buarque de Almeida, voluntária há 40 anos.

São 27 famílias atendidas por elas, nas comunidades do Cerro Corá, Guararapes, Prazeres e Santa Marta, que recebem mensalmente cestas básicas, remédios, roupas e, sempre que necessário e possível, óculos, cadeira de rodas, material de construção ou auxílio funerário. As Voluntárias da Caridade do Colégio São Vicente reúnem-se toda terça e quinta-feira, das 14h às 17h, em sala própria, junto às quadras. Quem quiser participar, é só chegar.



GRAÚNA E GRAUNINHA

Criada no auge do Movimento pela Ética na Política, que liderou a luta pelo impeachment do então presidente Fernando Collor, a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e Pela Vida nasceu em 1993 e espalhou-se por todo o Brasil, numa imensa rede de mobilização social. E o São Vicente, claro, não ficou de fora dela.

Em 19 de maio daquele ano, inaugurava-se no Colégio o Comitê Graúna, com a presença do líder do movimento, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que falou para uma plateia de mais de 300 ouvintes no auditório. Nos anos que se seguiram, o Comitê, cujo nome homenageava um famoso personagem do cartunista Henfil, irmão de Betinho, foi responsável por diversas ações de solidariedade e combate à pobreza, dentre elas a criação do Domingão Vicentino, evento anual voltado para a prestação de serviços e arrecadação de recursos para as comunidades vizinhas ao Colégio.

Pouco depois da criação do Comitê Graúna, liderado por alunos do Ensino Médio e Fundamental II, foi a vez dos pequenos entrarem em ação. Incentivados pela professora Edna Cardoso, do Ensino Fundamental I, eles criaram o Grauninha. Cida Oliveira, mãe da ex-aluna Amanda Sprey, que participou ativamente do projeto, lembra que além das campanhas de arrecadação, o grupo também passou a promover oficinas regulares de artesanato e doces. Hoje voluntária do grupo MAS (Multiplicadoras na Ação Social), ela considera que foi o Grauninha que a aproximou do Colégio.

Agora já aposentada, a professora Edna, que dedicou 33 anos de serviço ao São Vicente, conta que a fase em que esteve à frente do Grauninha foi uma das mais plenas e gratificantes de sua vida. Além das doações propriamente ditas, que ajudaram, dentre outros, a Casa Ronald e o Dispensário São Vicente, os alunos também visitavam regularmente algumas das instituições com as quais formavam vínculos, como a Creche Cristo Redentor.



Na página ao lado, os panos de prato produzidos pelas Voluntárias da Caridade para venda nos bazares. Pe. Almeida com Betinho e o desenho da personagem Graúna, feito por Henfil. Acima, à esquerda, o professor Zeduh, em Serra do Ramalho, no início deste ano. No sentido horário, pregadores de cabelo produzidos pelo grupo MAS – Multiplicadoras na Ação Social, em apoio à comunidade Chico Mendes, mãe do grupo no curso de culinária na cozinha do Colégio, alunos vendendo camisetas do Projeto Esperança, na Feira de Qualidade de Vida, em 2010, voluntária orientando menino no uso do computador, no Domingão Vicentino de 2019, e crianças da Creche Cristo Redentor sendo recebidas por alunos do SV, em 2008.



CELEBRAÇÃO COM ESPÍRITO ESPORTIVO

Nos dias 31 de maio e 1º de junho, o São Vicente abriu suas portas para receber alunos de escolas parceiras em mais uma edição dos Jogos Vicentinos Externos. Foi assim na celebração dos 40 e dos 50 anos do Colégio, e, para comemorar os 60, não foi diferente!

Os jogos aconteceram na noite de sexta-feira e durante todo o sábado, para permitir a participação na torcida não só de colegas, mas de pais, professores e funcionários. Estavam presentes estudantes dos colégios Sion, Corcovado, Teresiano, Santo Inácio e Escola Parque, dentre outros, disputando partidas de futsal, vôlei, basquete e handebol. Ao final, como recordação, cada aluno participante recebeu uma medalha comemorativa do aniversário, e cada escola, um troféu de participação no evento.

“Não houve distribuição de medalhas de colocação porque quisemos privilegiar o espírito de confraterniza-

ção que sempre foi a marca dos esportes no São Vicente”, revelou o coordenador de Educação Física, Paulo Nascimento, um dos organizadores da festa.

O mais antigo professor em atividade no Colégio, onde começou a lecionar há 45 anos, Paulo destaca a temperança, o trabalho de equipe, o respeito às regras e à disciplina como os valores primordiais do esporte que se ensina e se pratica na escola. À frente das aulas de Educação Física, além dele próprio no 6º EF, estão também os professores Tatiana Chisté e Daniele Cordeiro, no primeiro segmento do Fundamental, Airton Rocha, no 7º ano, Gerson Vellaco Junior, no 8º, Ricardo Silva no 9º – todos eles, à exceção de Tatiana, no Ensino Médio.

O forte no São Vicente sempre foram os esportes coletivos, mas já houve época em que havia também atletismo e natação nas então Olimpíadas Vicentinas, realizadas entre 1971 e 1982. “As provas eram disputadas fora do Colégio, em espaços que eram cedidos gratuitamente a nós. As de atletismo ocorriam nos fins de semana, na pista do Forte São João, na Urca. E as de natação, no Clube Botafogo”, lembra Paulo.

Campo de areia

Quando ele entrou no São Vicente para dar aula, em março de 1974, só havia a quadra do pátio e um campo

de terra batida, conhecido como campo de areia, onde hoje fica a quadra maior. “Os alunos adoravam o campo de areia, mas ele precisou ser cimentado porque sujava muito a Escola, sobretudo quando chovia”.

Ainda no início dos anos 80, na gestão do Padre Almeida, o Colégio comprou o terreno vizinho que estava à venda, fez um corte no morro, pôs um muro de arrimo e ali construiu o ginásio, as quadras laterais e a Sala de Leitura. A casa ao fundo foi reformada para abrigar o espaço das Voluntárias da Caridade e, mais tarde, as salas de artes e de música.

Segundo o professor, hoje o futsal feminino é uma categoria corriqueira nos Jogos Vicentinos, mas, naquela época, as meninas pouco participavam das partidas de futebol. Handebol também só passou a existir depois que vieram as novas quadras e o ginásio, porque o espaço antes era pequeno para essa modalidade.

Mas, desde o princípio, frisa Paulo Nascimento, o São Vicente marcou presença em campeonatos esportivos externos. No Intercolégio do jornal *O Globo*, por exemplo, das 37 edições até hoje, o CSVP só não participou de uma. Jogos das Laranjeiras, Jogos Católicos, Copa Corcovado e Jogos Inacianos são alguns dos torneios que já deram muitos troféus aos atletas da casa.

“Chegamos a participar da Copa de Futebol de Campo no clube do Zico, na Barra, e tiramos 2º lugar, certa vez. Era uma copa difícilima. Dos oito jogos, ganhamos sete, e perdemos na final nos pênaltis.”

Hoje, com a crise econômica, os campeonatos externos são bem menos frequentes, devido aos altos custos de sua realização. Mas é só ter um convite que os vicentinos se apresentam para mostrar talento e espírito de equipe nos esportes.



No alto, partida de futebol dos Jogos Vicentinos Externos, SV x Corcovado, em maio, em comemoração ao aniversário do Colégio. Na página seguinte, os professores Paulo (à direita) e Gerson, entre alguns dos muitos troféus conquistados pelo São Vicente nestes 60 anos, e as Olimpíadas de 1977: ginástica olímpica no pátio do Colégio, salto em altura no Forte São João e futebol no campo de areia do colégio.

VOZES QUE TECEM LAÇOS

Participação do São Vicente a Cappella em festival austríaco coroa projeto, hoje referência, de canto coral como instrumento educativo

Entre os dias 2 e 15 de julho próximo, 34 cantores, entre alunos e ex-alunos do São Vicente, junto com os regentes Patrícia Costa e Danilo Frederico e outros 20 acompanhantes, entre educadores e regentes do Rio e de outros estados, estarão na Europa mostrando a excelência do canto coral que se faz no Colégio. É o pessoal do São Vicente a Cappella, que este ano estará participando do Summa Cum Laude, um festival austríaco dedicado a coros e orquestras infantis e juvenis de todo o mundo.

Por ter cunho educativo, o festival oferece, além de concurso e apresentação em Viena, uma *masterclass*, dois *workshops* e cinco concertos internacionais, em Salzburgo, Praga, Viena e Munique, em apresentações solo ou com o coro acompanhado de outro grupo, e ainda passeios temáticos, como o circuito Noviça Rebelde, a casa de Mozart e o Museu da Música.

Serão apresentados três repertórios: um de composições de Guinga, um para o concurso com duas peças de confronto – *Ave Verum*, de Mozart e outra peça erudita, e um terceiro de músicas brasileiras consagradas como *Águas de Março*, com arranjo feito especialmente para o SVAC pelo argentino Joaquim Martinez, e *Lua lua lua*, a mais emblemática do grupo. O último concerto será em Munique, com participação de ex-coralistas do SVAC que moram na Europa.

De sonho à realidade

“Vai ser uma grande emoção reunir essa turma. A ideia é passar essa mensagem do canto coral sempre fazendo laços”, diz a regente e diretora Patrícia Costa, que complementa: “O mais importante é esses jovens estarem em contato com seus pares de várias partes do mundo, conhecer outras formas de cantar, outras culturas e poder mostrar a nossa música e o nosso trabalho com coro juvenil”.

Para transformar esse sonho em realidade, o São Vicente a Cappella contou com o apoio da direção da Escola e da APM, mas precisou arregaçar as próprias mangas para arcar com os altos custos da viagem – cerca de R\$ 12 mil per capita! Com o aval dos pais, formou-se em 2018 um comitê organizador que desenhou várias ações para o levantamento de recursos: desde uma vaquinha virtual na Benfeitoria, a rifas diversas, feijoadas de adesão, venda de brindes, “coralokês” e concertos pagos como o Shell Open Air, em junho do ano passado, e o com Guinga, em abril, no Oi Casa Grande.

“Não tivemos nenhum patrocínio e nem conseguimos entrar em nenhum edital, mas temos um grupo de pessoas que acreditam no projeto e no empreendedorismo e que esses meninos e meninas vão com certeza voltar modificados por terem acreditado nesse sonho. Estamos fazendo o melhor da filosofia vicentina, que é todos nos cotizando para que todos possamos ir, todos trabalhando por um projeto comum”, diz Patrícia.

Trabalho consistente

A participação do SVAC no festival europeu é o coroamento de um trabalho sério e consistente desenvolvido há muitos anos no Colégio



FOTOS ARQUIVO CVP



FOTO JOANA TORRES/AVELLAR MEDIA

São Vicente. Ele teve início ainda na segunda metade da década de 1970 com o pianista Homero de Magalhaes e seu filho, o maestro Homerinho, sucedidos por Paulo Malaguti, o talentoso Paulinho Pauleira, em 79. Mas foi com a regente Patrícia Costa, em 1993, com a criação do coro do Ensino Médio, que ele ganhou mais corpo até tornar-se o que é hoje.

Para os alunos, a participação nos coros é gratuita. Atualmente, são sete grupos corais em atuação: os coros Mirim, com alunos do 1º ao 3º ano; o Infantil, do 4º e 5º anos; SVEF, 6º ao 8º do Ensino Fundamental; SVEM, do 9º ano ao 3º do Ensino Médio; o próprio SVAC, e dois adultos, o São Vozes e o Amigos do São Vicente, o que mostra o quanto o Colégio investe e acredita no canto coral como instrumento educativo.

“O canto coral tem os pilares de uma sociedade sã, onde todos cantam e se ouvem, onde existe generosidade e as qualidades se somam em prol do bem comum. Estou no Colégio há 25 anos e vejo o quanto ele entendeu isso. Eu não conheço nenhuma escola que sustente um projeto coral tão amplo e por tantos anos como o São Vicente. Nós que hoje vivemos as consequências de uma sociedade que teve a música banida do currículo escolar por mais de 40 anos, sentimos um orgulho imenso de poder participar desse projeto primoroso, que tem um peso enorme na educação musical do Brasil. Os melhores grupos vocais em atividade no Rio de Janeiro têm todos eles integrantes que vieram dos coros do São Vicente”, afirma Patrícia Costa, que está escrevendo um livro sobre o projeto coral na escola. A intenção é concluí-lo até o final do ano e dá-lo de presente ao Colégio pelos seus 60 anos.

**“OS MELHORES GRUPOS
VOCALIS EM ATIVIDADE
NO RIO DE JANEIRO TÊM
TODOS ELES INTEGRANTES
QUE VIERAM DOS COROS
DO SÃO VICENTE”**

PATRICIA COSTA
REGENTE

Na página ao lado, três maestros de coral no São Vicente: o primeiro, Homero Magalhães, nos anos 1970, Paulinho Pauleira, nos anos 80, e Patrícia Costa, regente de coros nos últimos 26 anos. Acima, a apresentação do coral SVAC no Oi Casa Grande, em abril, com regência de Patrícia e participação de Guinga.

NOVAS COLABORADORAS, ANTIGOS IDEAIS

Biblioteca e Sala de Leitura têm nova coordenação, e trabalho de formação de leitores segue tendo peso importante na formação vicentina

Ah, os livros! Esses pequenos amontoados de papel nos quais cabem mundos inteiros... Quem aprende a amá-los ainda na infância dificilmente se separa deles na vida adulta. Os mais apaixonados chegam a imaginar, como o escritor argentino Jorge Luis Borges, o paraíso como uma espécie de biblioteca. Mas havendo ou não uma inclinação natural para essa afeição, para os vicentinos, o incentivo é grande: são aproximadamente 25 mil livros disponíveis entre Biblioteca e Sala de Leitura.

Criada em 1962, e nomeada em homenagem ao saudoso educador do Colégio Jorge Luiz de Souza e Silva, a Biblioteca do São Vicente está desde fevereiro sob a coordenação da bibliotecária Adriana Gonçalves. Com 15 anos de experiência em bibliotecas escolares e tendo trabalhado inclusive em colégios de grande porte, Adriana se surpreendeu com o acervo vicentino, que, segundo ela, tem uma abrangência muito ampla.

“Temos desde livros sobre ciências sociais, naturais e aplicadas, passando por literaturas do mundo todo, muita coisa brasileira, mas também indiana, russa, inglesa, biografias e livros sobre arte e música. E o Colégio está sempre investindo, comprando livros novos”, diz Adriana.

Além da Biblioteca, que conta com salas de estudo e computadores para pesquisa, desde 1997 os alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental também contam com a Sala de Leitura Menino Maluquinho, comandada desde fevereiro pela professora Luciana Marinho. Especialista em psicopedagogia, Luciana busca diversas formas de incentivar a leitura dos pequenos. Com um tempo por semana com cada turma do 1º ao 5º ano, ela trabalha a contação de histórias, exercícios de desconstrução narrativa e as diferenças entre os estilos de texto, como o jornalístico e o poético, sempre com um enfoque lúdico.

“Hoje em dia a gente vê poucas pessoas lendo livros. Tudo é pela internet, e por isso esse contato desde cedo é tão importante”, acredita.

A Sala de Leitura e a Biblioteca também promovem, em parceria com alguns professores, projetos como a Ciranda dos Livros e eventos como a Manhã Literária e a Semana do Autor. Este ano, esta última aconteceu entre os dias 8 e 12 de abril e contou com a presença de Neide Duarte, autora de *Folclorices de Brincar*, e Rosa Amanda Strausz, criadora do livro *Uólace e João Victor*.

Fora isso, os alunos do 1º ao 5º anos do Fundamental ainda dispõem da Oficina Extraclasse de Leitura e Escrita Criativa. Nela, os estudantes vivenciam atividades inspiradas nos mais diversos temas, recursos e linguagens. “Buscamos inspirar as crianças a refletirem, a lerem e a registrarem sobre si mesmas e sobre o mundo. Cada uma do seu jeito, cada uma no seu próprio tempo”, diz a professora responsável pela oficina, Mônica Albertino, a Moniquete.

De cima para baixo, aluna estuda na Biblioteca Juvenil Prof. Jorge Luís; o Prof. Maurício Krause apresenta as obras na Ciranda de Livros; alunos folheiam livros durante a Manhã Literária deste ano; A Sala de Leitura Menino Maluquinho; e Neide Duarte conversa com as crianças na Semana do Autor de 2019.



FOTOS: JOANA TORRES/ ANELIANE MEIRA

UM GRANDE PAINEL DA VIDA NO CSVP

Tendo quase sempre como norte o lema da Campanha da Fraternidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Feira de Cultura e Compromisso Social é o grande evento anual da comunidade escolar vicentina. Neste 2019, o tema da campanha é Fraternidade e Políticas Públicas e, na feira, que se realiza em setembro, todos os segmentos de ensino do Colégio são convidados a mostrar os trabalhos resultantes da reflexão que fizeram sobre a importância dessas políticas na construção de uma sociedade mais justa.

Embora apresentem principalmente trabalhos realizados pelos alunos, as Feiras de Cultura e Compromisso Social contam também com a participação da Associação de Pais e Mestres, de ONGs e instituições cujos projetos venham a enriquecer o conteúdo proposto a cada ano.

As feiras atuais surgiram da necessidade de concentrar uma série de eventos de menor porte promovidos anteriormente, como as feiras de Ciências, da Saúde, do Trabalho, do Livro e do Folclore, de forma a evitar a pulverização e a dispersão. Primeiramente, optou-se por se fazer duas feiras por ano: Feira Qualidade de Vida, no primeiro semestre, e Feira de Linguagem, no segundo.

“Depois, mesmo essas duas feiras foram tomando uma dimensão enorme e então decidimos concentrar tudo num evento único, multidisciplinar, que funcionasse como um grande painel do que acontece na escola. Dessa forma, as famílias podem conhecer o que é feito pedagogicamente por cada série e ter uma visão mais ampla da vida no São Vicente”, disse a coordenadora do Ensino Médio, Lilliane Ferreira dos Santos.

Na Feira de Cultura e Compromisso Social de 2017, exposição do 3º ano EF, *Semeando Sonhos*, onde os alunos expuseram seus desejos por um mundo mais harmônico.

FOTOS: CRISTINA BARCELLOS

APOSTA NA SENSIBILIDADE E NA REFLEXÃO

Novidades nos cursos e eventos de artes visuais, teatro e música confirmam o peso do fazer artístico na educação vicentina

Consciente de que quem passa pela experiência da Arte alarga seus horizontes e tem maiores possibilidades de ousar transitar em outros mundos e transformar a realidade, o Colégio São Vicente segue investindo no currículo e nos cursos extraclasse de artes visuais, música e teatro e nas diversas manifestações culturais dos alunos.

Este ano a cadeira de artes visuais voltou a ser oferecida no 6º ano, e o currículo inovador da disciplina que o São Vicente montou há alguns anos, englobando tanto a formação sensível do ser humano quanto o acesso ao conhecimento da Arte ao longo da história, está novamente abarcando os alunos do 1º ano do Fundamental ao 1º do Ensino Médio.

Outra novidade é que o curso preparatório para o Teste de Habilidade Específica (THE) de Arquitetura e Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF) agora foi incorporado ao currículo do 3º ano do Ensino Médio, como matéria optativa e gratuita.

“A gente fica feliz de retomar o processo de construção dessa vivência, sem interrupções”, diz Cláudia de Carvalho Marçal, a Cacaú, professora de Artes do Colégio há 25 anos e integrante da equipe que construiu esse espaço privilegiado para o pensamento e o fazer artísticos no CSVP.

Pintura do Muro

“Aproveitamos essa reestruturação e a chegada da Cristina Ferrell ao 6º ano para reintegrarmos melhor o Fundamental 2. Estamos fazendo um projeto que vai culminar na Feira de Cultura e Compromisso Social, em setembro, juntando o 6º, o 7º e o 8º anos e também a pintura do muro”, complementou.

Este ano, por conta da Campanha da Fraternidade, cujo tema é *Fraternidade e Políticas Públicas*, inspirada pelo versículo bíblico “Serás libertado pelo direito e pela justiça”, os alunos dessas séries estão sendo estimulados a pensar sobre os direitos humanos e como a mundo contemporâneo vem lidando com eles.

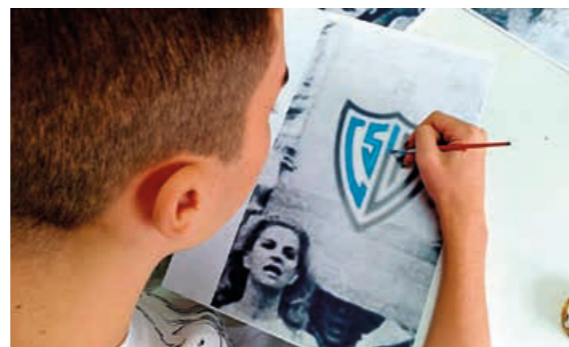
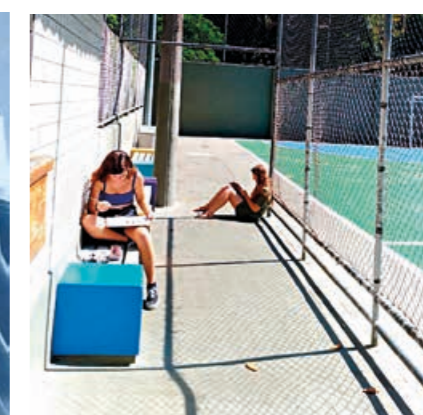


FOTO ANDRÉ PEÇANHA / 1º EM

No grupo de fotos superior, os estudantes do 1º EM criam imagens, a partir de fotos autorais ou do acervo fotográfico do colégio, que receberam interferências com materiais diversos, de forma a traduzir as ideias dos grupos. As imagens foram aplicadas sobre as pilastras do pátio, como um presente pelo aniversário de 60 anos do CSVP.

No grupo inferior, fotografias dos alunos do 1º ano EM da Professora de artes Cristina Ferrell. Turmas de 2018 e 2019



FOTOS CACAÚ MARÇAL



FOTO TURI BRITTO / 1º EM



FOTO RAPHAEL KUNTZE / 1º EM

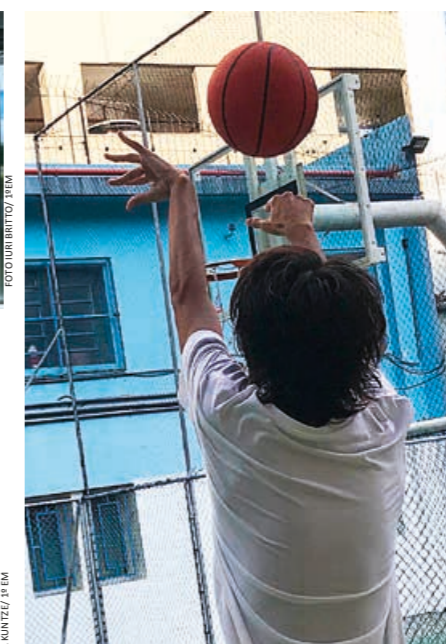


FOTO PIERO VARIAG

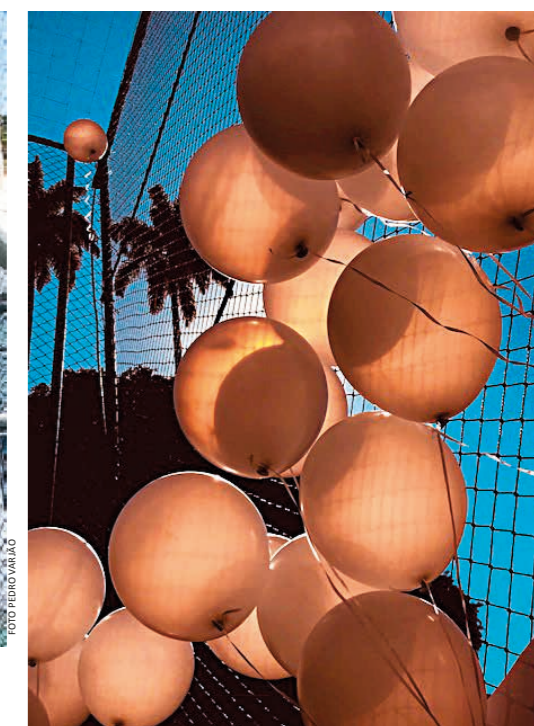


FOTO ISADORA GAGO / 2º EM



Iniciada ainda nos anos 1980, como um projeto da então 4ª. série, a pintura do muro foi crescendo aos poucos no Colégio, até ser incorporada por todos os segmentos de ensino como parte do calendário escolar.

“É um processo gradativo, em que os alunos vão aos poucos ganhando mais autonomia. Ela se insere no programa mais amplo de Arte, como uma forma de comunicação visual cotidiana e um canal de expressão dos estudantes. É uma pintura cujas imagens e textos permanecem ao longo de um ano todo num diálogo vivo com a comunidade escolar, que cada vez que vê um pedacinho do muro pintado faz novas conexões”, diz Cacau Marçal.

Identidade vicentina

Conexões tem sido ainda um palavra-chave na área de teatro do São Vicente, que também tem novidades neste 2019.

Uma delas é a abertura do Teatro Mirim, curso extracurricular (como os demais de teatro) para os alunos do Fundamental 1. A professora Joana Cabral, que já desenvolve um trabalho de literatura e teatro na educação infantil em outra escola, assumiu o curso. “São crianças pequenas, que estão em fase de alfabetização, o que exige uma forma própria de se trabalhar”, explica.

O professor Lauro Basile continua à frente do Teatro Infantil nas demais séries do Fundamental 1, e Joana retoma com os grupos do 6º ao 8º ano.

Outra novidade é que o teatro do Ensino Médio, com Ana Brasil, foi desmembrado em dois grupos, porque a procura era muito grande e vários alunos ficavam de fora da turma. Então, a partir deste semestre, foi dado início ao Teatro Juvenil do 9º ano, também a cargo de Joana Cabral.



No alto, a profª. Débora Braga dá aula de flauta aos alunos do 5º ano, em 2016; Embaixo, pinturas feitas este ano pelos alunos do 1º EM, com a profª. Cacau, em homenagem ao Colégio. Na página seguinte, a apresentação de encerramento de 2018 dos alunos do 2º e 3º EF, com o prof. Lauro Basile; leitura de peça teatral com profª. Joana Cabral; e os professores. José Assumpção e Renata Salomone no Sarau da Ditadura, em 2014.

Cacau, em homenagem ao Colégio. Na página seguinte, a apresentação de encerramento de 2018 dos alunos do 2º e 3º EF, com o prof. Lauro Basile; leitura de peça teatral com profª. Joana Cabral; e os professores. José Assumpção e Renata Salomone no Sarau da Ditadura, em 2014.

Mas a novidade que mais está animando a professora é o processo que ela está vendo acontecer com as turmas do 7º ao 9º anos e que ela atribui à própria identidade do aluno vicentino. E é ela quem relata: “Trabalho há oito anos no Colégio e pela primeira vez sinto que a pura ficção já não está mais bastando para os alunos. Eles estão muito imbuídos do sentimento de urgência de dizer alguma coisa sobre o mundo atual e querem usar o teatro como ferramenta de expressão disso”.

Nesse processo, Joana encontrou o projeto *Conexões Teatro Jovem*, que disponibiliza gratuitamente textos ingleses e brasileiros para a montagem em escolas. “Estamos fazendo leituras dramatizadas desses textos, e tem sido ótimo. Eles tratam de temas muito atuais, como ser jovem hoje, as questões de gênero, de relacionamento, a presença constante do celular na vida dos jovens etc. Os alunos se ligaram muito nesse projeto. E eu estou emocionada com isso”, disse Joana.

Festiviça especial

Na área de música, a animação também é grande. Além do entusiasmo com a ida do Coral São Vicente a Cappella à Europa, o Festiviça, criado há cinco anos pelos professores José D’Assumpção, de música, e Renata Salomone, de Sociologia, também promete fortes emoções.

A ideia do festival é promover uma reflexão sobre questões importantes do nosso tempo através da música e da arte, sempre a partir de temas específicos. Assim, o Festiviça já abordou, por exemplo, a ditadura (por ocasião dos 50 anos do golpe de 1964) e o Rio de Janeiro (no centenário do samba), e este ano o tema versará sobre os 60 anos do Colégio.

Marcado para setembro, o Festiviça 2019 vai ainda ser mais amplo: além de números musicais, haverá outras manifestações artísticas, como esquetes teatrais, instalações de artes plásticas e a presença de ex-alunos que seguiram carreiras artísticas apresentando números em homenagem ao aniversário do São Vicente.

“As aulas de música, presentes no currículo desde o 1º ano do Fundamental até o 1º ano do Ensino Médio, são essenciais para a formação musical sólida que os alunos têm aqui. Não é à toa que vários deles se profissionalizam na área e que agora muitos voltem para prestar sua homenagem à escola que os formou. Nada mais justo”, diz José D’Assumpção.



ALGUNS NOMES QUE DEIXARAM MARCAS



JORGE LUIZ SILVA

Entre 1964 e 1982, quando se aposentou, o professor Jorge Luiz de Souza e Silva deixou sua imprescindível contribuição ao Colégio São Vicente. Deu aulas de matemática e física e foi a grande presença no então 2º Grau, de que foi coordenador e, sobretudo, animador e amigo de tantas gerações de jovens. De espírito aberto, lúcido e crítico, Jorge Luiz morreu em 1993 e hoje dá nome à Biblioteca Juvenil.

HUGO PAIVA

Líder vicentino, professor, educador, orientador e coordenador acadêmico do Colégio nos seus primórdios, Padre Hugo tinha uma visão ampla de educação. Foi ele que criou, por exemplo, o curso de Introdução às Ciências Humanas e ajudou a fundar o Supletivo do São Vicente, no início dos anos 1970. Participou das lutas políticas na época da ditadura e ajudou pessoas perseguidas a fugirem do país.



MIGDON COELHO

Professor de português e de eletrônica no curso extraclasse, nos primeiros anos do CSVP, o então Pe. Migdon foi o criador do Laboratório de Eletrônica do São Vicente. Migdon deixou de exercer as funções de padre, casou-se e foi morar em Minas. Alguns anos depois, voltou ao Colégio, atuando como coordenador do profissionalizante e coordenador comunitário, cargo que ocupou até 1987, quando regressou a Minas Gerais.



MARLENE BLUHM

Com uma das mais longas carreiras no São Vicente, Marlene foi professora do primeiro ciclo do Ensino Fundamental e coordenadora de 1961 a 2006, ano em que se aposentou. Trabalhou na preparação de alunos que fariam a Primeira Comunhão e cuidou de diversas atividades extraclasse. Suas palestras para os pequenos também foram marcantes. Marlene Bluhm, a Marla, faleceu em dezembro de 2011.

MOACYR DE GOES

Depois de um notório trabalho como Secretário de Educação em Natal, do qual foi afastado com o golpe militar, o escritor e educador Moacyr de Goes foi acolhido no São Vicente como professor de história, em 1965. Plantou os pilares da filosofia educacional do Colégio, implantou e coordenou os cursos profissionalizantes, e deixou sua marca no CSVP, onde também estudaram seus cinco filhos. Morreu em 2009.



DARIO NUNES

Grande humanista, Dario Nunes era padre quando atuava como professor do São Vicente e foi um dos fundadores do Curso Noturno, em 1970, num dos períodos mais difíceis da ditadura. Depois foi para a Diocese de Goiás Velho, trabalhar com Dom Tomás Balduino. Casou-se em 1976, quando deixou o ministério sacerdotal, mas seguiu na vida acadêmica, e foi reitor da Universidade Católica de Goiás, estado em que faleceu.

HUGO PINHEIRO

Hugo veio para o São Vicente em 1988. professor de física, conquistava os alunos (a quem chamava de bruxos) com seus métodos pouco ortodoxos de ensino, seu carisma e sua simpatia. "Hugo é louco", diziam uns. "Hugo é gênio", diziam outros. Para todos, um mestre: inteligente, estudioso, intuitivo, humilde e amigo. Um dos professores mais originais e queridos do Colégio ao longo de sua história.



ALCIDES TEDESCO

Coordenador do antigo Ginásio (hoje Fundamental 2), Tedesco foi também professor de francês e presença importante no Colégio nas primeiras décadas de sua história, defendendo a educação libertadora, opondo-se à censura, incentivando os grêmios e apoiando os alunos, de quem sempre foi amigo. Sua voz era a do bom senso e do diálogo. Depois dos anos no São Vicente, foi diretor do Colégio Marista do Recife.



SÉRGIO LUIZ DRAGO

O professor de matemática Sérgio Drago entrou para o São Vicente recém-formado, em 1971, aos 22 anos de idade. Teve seu casamento celebrado por Pe. Almeida, todos os seus filhos estudaram no CSVP e seus três netos foram batizados na capela do Colégio. Aqui, Drago encantou muitas gerações de alunos com seu espírito inventivo, os desafios da matemática e da própria vida. Deixou muitas saudades!

ARTUR MOTTA

Artur acredita que foi à frente da Coordenação Acadêmica, em dupla com Nina Vernes, que ficou o que de melhor ele pôde oferecer ao São Vicente. Ele entrou no Colégio em 1990, como professor de religião e coordenador comunitário. Em 2007, foi trabalhar num projeto novo, voltou de 2011 a 2017, como coordenador acadêmico, e este ano, teve nova passagem pelo São Vicente na estreia da Extensão do Ensino Médio.



MALU COOPER

Maria Luísa Cooper, a Malu, chegou ao CSVP em 2004 como preparadora vocal dos corais e pouco depois assumiu a regência do coro adulto, que ela adotou como filho e transformou no que é hoje o coral Amigos do São Vicente, com sua marca de simpatia que cativa qualquer plateia. Com ouvido aguçado, rigorosa na afinação, empolgada e sorridente, Malu trabalhou no Colégio até 2012, quando faleceu prematuramente.

JOKA RODRIGUES

Em 2016, o São Vicente deu adeus ao seu coordenador de multimídia, João Carlos Rodrigues Gomes. Falecido repentinamente, Joka, como era conhecido, viveu praticamente toda sua vida ligada ao Colégio. Ingressou como aluno do antigo Admissão, foi monitor do laboratório de eletrônica, e, depois de formado, foi professor e exerceu várias funções nos quase 50 anos em que trabalhou no CSVP.



ALMIR TELLES

Foi em 1975, quando o professor Almir Telles iniciou seu trabalho com o grupo Calabuço, que o teatro começou como atividade extracurricular no Colégio. Almir ficou 26 anos à frente do Calabuço, que encenou peças memoráveis. "Tive a sorte de dar aulas para muitos jovens brilhantes que hoje estão aí disputadíssimos pelo mercado", declarou Almir, em 2016, à reportagem da revista *A Chama* nº 94.



NINA VERNES DA CUNHA

Ela trabalhou por 37 anos no São Vicente até se aposentar, em 2017. Começou como coordenadora do Fundamental 1 e, mais tarde, assumiu a coordenação de todo o Fundamental. Após breve passagem pela coordenação do Ensino Médio, Nina foi convidada a integrar a Coordenação Acadêmica do Colégio, ao lado de Artur Mota, cargo em que teve papel preponderante na elaboração e implantação do PPP.



CRISTINA CALDAS

Cristina esteve à frente da Coordenação Pedagógica do Ensino Médio por 25 anos. Ela começou a trabalhar no CSV em 1986. Mas sua história com o São Vicente começou ainda antes, em 1978, como mãe de aluno, quando escolheu trazer seus filhos para estudar no Colégio. Os filhos cresceram, se formaram, e Cristina Caldas continuou na casa, como mãe de ex-aluno e coordenadora do EM, até o final de 2011.



JÉSSICA CAMPOS

Durante anos professora de história do Ensino Médio, muito querida e respeitada pelos alunos e colegas, Jéssica também esteve à frente de uma tarefa importante no resgate da própria história do Colégio, quando ele completou 50 anos: a organização do seu acervo documental, antes disperso e mal acondicionado.



PATRÍCIA RUBIM

Em 37 anos de convivência, encerrados em 2017, Patrícia foi orientadora educacional dos 4º e 5º anos e depois, como psicóloga, passou a integrar o SOE, cuja equipe viria a coordenar mais adiante. Suas duas filhas também estudaram no CSV. "Os valores vicentinos são o que de melhor levamos conosco", disse ela, ao se despedir.

MARIA TERESA GUEDES

Coordenadora geral e pedagógica da Biblioteca Juvenil até o ano passado, Teresa veio para o São Vicente em 1999. Reorganizou todo o material, hoje catalogado e informatizado, e transformou a biblioteca em espaço de referência para o encontro afetivo com a leitura e o estudo. Em parceria com os professores de língua portuguesa, implantou a Ciranda de Livros, fundamental na formação de leitores.

SOLANGE BORBA

Solange ingressou no Colégio em 1969 como professora de matemática e já em 1971 assumiu a coordenação pedagógica do Ensino Fundamental. Voltou para a sala de aula em 1984, retornou à coordenação em 89 e se aposentou em 2012 como coordenadora do Serviço de Orientação Pedagógica do São Vicente, depois de 43 anos de serviços prestados à Escola, que se tornou parte importante de sua vida.

CORDÉLIA DE FREITAS

Depois de 20 anos atuando no Serviço de Orientação Educacional, Cordélia deixou o Colégio no ano passado. "O trabalho aqui é instigante, dinâmico e cheio de surpresas. Lidar com o ser humano é uma surpresa diária, a gente se sente recompensada com o resultado", disse ela, por ocasião do cinquentenário do São Vicente.



PE. MAURÍCIO PAULINELLI

Padre Maurício esteve no São Vicente em dois períodos: 1995 a 2003 e 2013 a 2019, num total de 13 anos de serviços. No primeiro, como diretor administrativo,

e no segundo, como diretor adjunto constituindo uma gestão colegiada, juntamente com Pe. Agnaldo, no setor pedagógico-pastoral, e com Pe. Eduardo, no administrativo. Da primeira fase, ele destaca "a gestão integrada, mais próxima e colaborativa, entre os setores pedagógico e administrativo, até então, um pouco dissociados; uma grande reforma, modernização e atualização do Colégio às demandas da virada do milênio; participação ativa na sistematização do Projeto Pedagógico, versão 1998 a 2000; e o projeto piloto de ação social integrada entre profissionais do Colégio com professores da rede municipal, em Côcos, na Bahia, base fundamental para o CPF: Construindo e Preparando o Futuro, em vigor até hoje, a partir do Colégio". Do segundo período no São Vicente, suas

principais contribuições foram, segundo ele, o auxílio à condução dos trabalhos no Colégio, especialmente durante os três anos e meio em que o Pe. Agnaldo cursou pedagogia na PUC/Rio; a revisão e atualização do atual PPP; a reestruturação das equipes e setores acadêmico e pedagógicos, do SOE, da equipe Comunitária-Social-Pastoral e Comunicação, e, da EJA; a revitalização e organização do setor de pastoral e catequese escolar; e o projeto pastoral do Colégio. Nos últimos anos, Pe. Maurício foi também importante colaborador da revista *A Chama*, na supervisão editorial e revisão dos textos, função em que segue atuando como voluntário, mesmo à distância. Este ano, ele foi transferido para Belo Horizonte como pároco, deixando muitas saudades nos colegas do São Vicente.



Santuário do Caraça

EXCURSÃO DAS FAMÍLIAS ASSOCIAÇÃO DE PAIS É MESTRES

15 A 17 DE NOVEMBRO DE 2019

PAGAMENTO PARCELADO

PREÇO DE ACORDO COM A IDADE E O TIPO DE ACOMODAÇÃO

VAGAS LIMITADAS

FAÇA JÁ SUA INSCRIÇÃO!

MAIS INFORMAÇÕES: SECRETARIA DA APM





A pintura dos muros - ao centro, Ensino Médio em 2018; no alto, o 2º ano EF pinta o muro da nossa capa em homenagem aos 60 anos do Colégio e o 1º ano registra cenas de seu lazer; embaixo o 3º ano ilustra suas poses em tamanho real e utiliza esponjas para recriar um muro de tijolos, todos em 2019.

FOTOS: JOANA TORRES / AVELLAR MEDIA